

Eco de julho e agosto de 2009

Cobertura 3

PEQUENA MEDITAÇÃO PARA O DIA 15 DE AGOSTO

Experimentando que Deus realiza nela grandes coisas,
a Santíssima Virgem, tão humilhe, tão pobre, tão pouco considerada,
aprende do Espírito Santo uma sabedoria preciosa:
ela aprende que Deus é um Deus cuja preocupação única é
elevantar o que é humilhado,
abaixar o que é elevado,
derrubar o poderoso,
e curar o que está ferido.

Deus permanece o único a penetrar os olhares
nas profundidades da angústia e da miséria:
está junto daqueles que vivem na miséria.
Você não acha maravilhoso o coração de Maria?
Ela sabe que é a Mãe de Deus,
elevada acima de todos os homens,
e permanece tão humilde, tão serena
que tudo o que lhe acontece não a leva a considerar
a última das servas como inferior.

O coração de Maria deixa Deus realizar sua obra.
Façamos da mesma maneira.
Isto será cantar um verdadeiro Magnificat.
O louvor de Maria atribui tudo a Deus: “Deus é glorificado”!

Martin Luther

Conferencistas durante a Assembleia geral de 2009

Profecia e esperança

- 234 Profecia e esperança: aspecto vicentino
Padre Jean-Pierre Renouard, cm
Casa Mãe, 20 de maio de 2009

Exigências da missão

- 252 A colaboração
Senhor Mario Giro, responsável pelas relações internacionais da
Comunidade Santo Egidio
Casa Mãe, 27 de maio de 2009.

- 265 Respostas às questões dos membros da Assembleia
Senhor Mario Giro, responsável pelas relações internacionais da
Comunidade Santo Egidio
- 271 A colaboração na família vicentina
As “Caridades” e as Filhas da Caridade: dois carismas a serviço de um único objetivo
Senhora Marina Costa, Ex-presidente da AIC
Casa Mãe, 27 de maio de 2009.
- 281 O diálogo interreligioso
Irmão Thierry-Marie Courau, op, Diretor do ICTR (Instituto de Ciências e
de teologia das religiões
Casa Mãe, 27 de maio de 2009.
- 292 Respostas às questões dos membros da Assembleia
Irmão Thierry-Marie Courau, op, Diretor do ICTR (Instituto de Ciências e
de teologia das religiões
- 298 O diálogo ecumênico
Profecia e esperança: os desafios do diálogo ecumênico
Padre Yves-Marie Blanchard, Professor na faculdade de teologia e de
ciências religiosas, membro do grupo das Dombes
Casa Mãe, 27 de maio de 2009

Homilia

- 309 A luz de Pentecostes (Eucaristia do 4 de junho de 2009)
Padre Grégory Gay, Superior geral,
- 312 Pequena meditação para o dia 15 de agosto
Martin Luther

A conferência de Irmã Regina Bechtle, IC de Nova York, se encontrará no próximo Eco

Conferencistas

PADRE JEAN-PIERRE RENOARD, CM

Profetismo e esperança:
Aspecto vicentino

Casa Mãe, 20 de maio de 2009

*“É um profeta como tu que suscitarei do meio dos teus irmãos;
porei minhas palavras na sua boca,
e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar.
Se alguém não ouve as minhas palavras,
as que o profeta tiver proferido em meu nome,
eu mesmo lhe pedirei contas” (Deut.18,18-19).*

O que é um profeta? Literalmente é “aquele que fala no lugar de “...” o vidente”, gostaria de dizer o perspicaz. E com este título o “altifalante”, o que “proclama”, o “falar em nome de alguém”. Numa palavra, ele é o homem de Deus: *“O profeta precisa constantemente dos homens para descobrir o desígnio de Deus na história, grande ou pequeno, coletivo ou individual”*¹. Ele revela, explica os desejos de Deus, intercede pelo povo. Baliza o caminho e abre perspectivas.

Na Bíblia todos os profetas tornaram-se os defensores da Aliança entre Deus e o seu povo, os servos da Palavra de Deus. Lembram o amor de Deus e a Aliança concluída com o seu Povo. São os guardas, os “sentinelas” *segundo a palavra de João Paulo II e de Bento XVI*. Previnem também aqueles que continuam a afastar-se Dele, arriscam a sofrer as conseqüências da sua infidelidade. Nesta lógica, declaram-se contra os ricos e poderosos que esmagam os pobres ou então os padres que arrastam os fiéis a adorar seus ídolos. O modo como Deus lhes fala, provém duma experiência espiritual, duma inspiração, duma secreta amizade entre Deus e cada um dos profetas. “Deus fala aos profetas como fala aos homens de hoje, isto é, no mais íntimo do seu coração. Não se pode explicar o modo como Deus se exprime, tem de se viver para descobri-la... Trata-se de uma ligação sagrada, entre Deus e os homens, sinais ou outros segredos nos quais os profetas encontraram gestos, palavras”.

Sem ousar repetir o que vos foi explicado de modo eminente, esta manhã, ousou afirmar que o Profeta é o homem entre os outros homens, “intérprete” de Deus, porque um dia foi chamado. As suas palavras têm por missão reafirmar a Aliança entre Deus e o seu Povo. Ele é o servo da Palavra de Deus. É o sinal do amor de Deus, de sua Aliança com os homens. “Mensageiro do bem”, anunciando o que deve ser posto em evidência, prevenindo o mal antes que aconteça, mostra os desvios e indica o bom caminho. Ele tenta através da Palavra dar de novo confiança em Deus ao povo de sua escolha.

Como é que São Vicente assume esta vocação? Que disse e o que nos diz ainda?

I. SÃO VICENTE, PROFETA NO SEU TEMPO.

São Vicente foi no seu tempo, um profeta, um homem imbuído de Deus, preocupado em dar a conhecer seu projeto de amor aos homens, sobretudo, junto dos mais pequeninos e esquecidos e tirar daí as conseqüências para seu bem. Seu profetismo inscreve-se na estrutura bíblica que resumo por alguns verbos: denunciar – anunciar – amar – unir.

1º O homem da denuncia

Este título é voluntariamente provocante, mas refere-se à grande missão profética de S. Vicente de que o primeiro compromisso é denunciar o mal.

Temos como prova o episódio de Gannes-Folleville² onde o nosso santo traça de algum modo o mal do século, a descrença e pecado. Dá-se conta que o homem pecador encontra obstáculo na sua fé porque lhe falta o alimento e expressão simples e direta.

O camponês de Gannes faz a experiência da dificuldade da confissão. Aquele que passa por homem de bem, *“um dos homens melhores da sua aldeia”*, não confessa o seu pecado ao pároco. *“Nunca o conseguiu”*. A proximidade humana do padre deixa a desejar na medida em que ele tem

dificuldade em manifestar a misericórdia à alma angustiada do seu paroquiano. A gestão desta fé é insuficiente e exige uma cura de juventude, um apropriar-se de novo do ato sacramental. O clima da época é de tal ordem que a pobreza espiritual se manifesta simbolicamente através deste encontro tornado público por intermédio da Senhora de Gondí. Mas é provável que S. Vicente teve a ocasião de viver várias vezes esta descrença. A Senhora de Gondí, ela própria diz que deve passar a fórmula da absolvição através da grade do confessional para ser absolvida por padres ignorantes sobre esse assunto!³

Dando importância a este encontro de Gannes através do sermão de Folleville, S. Vicente aparece como um profeta, um profeta do amor. Não condena, mas não fomenta o medo, convida a reconciliação do homem com Deus. Certamente, há esta palavra interrogativa quanto ao conteúdo das suas exortações: “*Portanto eu tinha apenas um sermão, de que me servia de mil maneiras; era sobre temor de Deus*”⁴. Estamos numa época marcada pelo relaxamento geral, pois uma reforma católica se impõe. Mas, é o momento de se decidir e um apelo à conversão vai-se generalizar com o acolhimento do Concílio de Trento. Depois “temor de Deus” aparece no sentido bíblico onde não é simplesmente uma emoção, mas uma atitude estável de fidelidade à Aliança. “*Ensinar o temor do Senhor*”, “*não é suscitar o medo, mas é ensinar as orações e os mandamentos, iniciar a uma vida de confiança em Deus*”, explica um comentador autorizado. É bom lembrar que tanto a sabedoria e a força, o temor de Deus é um dom do Espírito Santo! Este mesmo dom chama-se também humildade. Receia-se mais a nossa fraqueza e resistências do que Deus, que trabalha em nós. Temer o Senhor é reconhecer nele a origem de todo o bem e acima de tudo, a amizade reencontrada com Deus⁵.

2. O homem do Anuncio

Sabemos o quanto a palavra de São Vicente é dinamizadora. Faz acorrer as multidões; chama em seu auxílio os Jesuítas de Amiens. A fé encontrada por um e seu testemunho de viva satisfação espiritual, enfraquece os outros; numerosos são as pessoas humildes e simples que vem reconciliar-se com Deus e entre eles.

Conhece-se o impacto profético desta intervenção providencial: a pregação é repetida, as primeiras intervenções deixam marca com o mesmo sucesso brilhante⁶. Vicente, encontrou a sua missão com “*o primeiro sermão da missão*”⁷. Não conhecia então as conseqüências do seu compromisso ainda visíveis em nossos dias.

Nele há um anuncio explícito do Evangelho no modo como falará 350 anos mais tarde (desculpai o anacronismo!) o Papa Paulo VI: “*Uma clara proclamação de Jesus Cristo, filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todo o homem, como dom de graça e misericórdia de Deus*”⁸. Temos maneiras de abordar a pregação de São Vicente que vão claramente neste sentido. Na sua conferencia sobre o catecismo, ele diz que “*a finalidade de toda pregação [é] de atrair as almas para o céu*” e vê-se, mesmo no texto original ele emprega esta mesma afirmação depois de ter riscado um primeiro esboço da escrita: “*ainda que no final de toda pregação, ou seja, tirar as almas do pecado e atraí-las ao bem...*”. O Padre Bernard Koch nota com fineza; “*O fato de ter riscado isso e substituído por “atrain para o céu”, imediatamente sem ser necessário acrescentar entrelinhas, mostra que, nessa época, pregando sobre o pecado e o perigo de ir para o inferno, como iremos ler um pouco mais adiante, preferia mostrar primeiro a perspectiva do amor de Deus e do céu*”.

Num século marcado pelo Jansenismo nascente, esta óptica marcará toda a sua vida e pastoral; nunca a evangelização se reduzirá para ele a uma moral ou ao medo do inferno, preocupa-se em anunciar de preferência o centro da doutrina da fé e do amor. Ele é o homem da bondade de Cristo que age que transborda da misericórdia do Pai.

A sua pregação, segundo a sua expressão “*à missionária*”. Parte do Evangelho e diz aos seus confrades: “*E preciso que a Companhia se dê a Deus para explicar através de comparações familiares as verdades do Evangelho, quando se trabalha nas missões*”⁹. A exemplo de Cristo, deseja falar através

de parábolas. Os autores estão lá apenas para “*servirem de meio ao Evangelho*”¹⁰. “*O anúncio missionário é o das verdades cristãs na simplicidade do Evangelho e dos primeiros obreiros da Igreja*”¹¹. A sua grande recomendação está contida numa frase “*seguir sempre e em todas as coisas a luz da fé*”¹².

Recomenda o que ele chama “*o catecismo do encontro*” e o vê como o meio das mais belas revelações; “*É bom começar pelos três mistérios da Trindade, da Encarnação e da Eucaristia, como sendo os mais necessários*”¹³.

Quanto à moral, quer seja “*familiar*” e capaz de edificar, não de destruir¹⁴. Vê-se nas suas palavras de ordem em matéria de anúncio: a simplicidade, a caridade, a humildade, a familiaridade, sem esquecer a fortaleza; resume bem a sua orientação espiritual com a famosa expressão “*Agir bem e simplesmente*”¹⁵.

Se tivesse de invocar um profeta contemplando São Vicente missionário, eu olharia para Amós, o mais antigo dos profetas da segunda metade do século VII, com Jeroboão II e Osias; da linhagem de Judá deve pregar a Israel. Longe de ser inculto e iletrado, este guardador de bois atípico é o profeta da predileção de Deus por Israel. Além das suas ameaças pedagógicas, lembra as exigências da Lei e a que rege os direitos dos pobres e dos indigentes. Anuncia aos ricos e aos padres (Mt. 25, 40!) Apesar das suas revelações pesadas de admoestações, Amós, como fará São Vicente, abre os corações à esperança: quando tudo está perdido, Deus pode ainda mostrar a sua graça.

Quem não vê a atualidade desta dupla mensagem e destes dois portadores?
Quem não vê que nós somos chamados por vocação, a ser em prioridade os substitutos da misericórdia de Deus?

3. O homem do Amor

Os profetas falam do amor, por que “*o Amor não é amado*”. Eles são antes de tudo e em primeiro lugar os mensageiros do amor de Deus por seu povo e eles são os substitutos da misericórdia divina pelo seu povo eleito e por todos os povos quando o universalismo chega à maturidade. Neste domínio, sabemos, São Vicente sobressai.

O primeiro testemunho de São Vicente é o do amor. A sua vida não é mais que amor e pode-se resumir naquilo que ele próprio diz de Cristo: “*As suas humilhações não eram senão amor, seu trabalho amor, seus sofrimentos amor, suas orações amor e todas as operações interiores e exteriores eram atos reiterados de amor*”¹⁶. São Vicente define o amor que Deus nos tem e que nós Lhe devemos testemunhar. Deus nos ama. Nunca duvida de nós e diz-nos claramente, com palavras familiares: “*Ora bem, Deus seja louvado! Deus seja louvado e glorificado para sempre! Oh! Sim, meus irmãos quando Deus tem afeição por uma alma, o que quer que faça, ele a suporte. Nunca vistes um pai com uma criança que ama muito? Sofre com a menor coisa que ela faz, mesmo ele lhe diz algumas vezes: “Morde-me, meu filho”. E de onde vem isso? E porque ele ama este filho, Deus comporta-se do mesmo modo em relação a nós, meus irmãos*”¹⁷. Mas Deus quer que nós o amemos. Coração aberto, vontade realizada, caridade em ato. “*E necessário amá-La mais que tudo*”¹⁸, e gosta de repetir que a caridade a Ele conduz¹⁹.

Como conseqüência São Vicente nos mostra o bom caminho. Se o amor de Deus e por Deus, é a fonte de sua vida, a caridade para com o próximo – não é senão um scoop (empresa) – Sociedade cooperativa! - É a alma da sua vida. Relê o Evangelho com força e perseverança. O amor caridade é o grande motor da sua vida e da sua ação. Não é preciso prová-lo. Mas sem dúvida, neste tempo de Assembleias gerais, temos necessidade de ouvir de novo suas ordens, sua mensagem.

No interior, São Vicente pressentiu bem o perigo das divisões e das rupturas internas e dá conselhos bem pertinentes na sua conferência de 30 de maio de 1659 sobre a caridade, um dos mais

belos florões da literatura vicentina (XII, 260 a 276). Insiste no princípio da doutrina tomista: “*E mais meritório amar o próximo por amor de Deus, do que amar a Deus sem o aplicar ao próximo*” (XII, 261). E argumenta dizendo se eu tenho a vocação de inflamar o mundo, devo “*inflamar-me a mim próprio para amar aqueles com quem vivo*”: “*Como poderemos dar aos outros a caridade, se não a temos entre nós*” (XII, 263).

Para o exterior, somos assim, no seu caminho, os embaixadores e artífices do Amor para com os pobres. O que não fez por eles? Não precisamos enumerar aquilo que sabeis!... Ficou na consciência popular como o santo da caridade e todos os que imitaram o seu exemplo o invocaram como padroeiro e estimulador. Fica como um farol e um testemunho. O seu ensinamento neste domínio é sem ruga:

“*Servindo os pobres, serve-se Jesus Cristo*”

É aqui que encontramos, segundo S. Vicente, a característica do reflexo condicionado de São Vicente: o Cristo pobre, representado pelos pobres, dirigindo-se de preferência aos pobres. Ora o pobre da sua época é essencialmente a pessoa do campo. Nada de mais natural que S. Vicente vá de imediato a Cristo trabalhador, lavrador, sementeiro, observador da natureza e dos seres tais como são. Está espontaneamente em simbiose com os que sofrem sob o peso do trabalho ou de outro sofrimento. Quer por-se ao serviço daquele que se esconde no doente, no estrangeiro, no marginalizado no esquecido abandonado, o ferido da vida ou dos campos de batalha, o esfomeado, a criança, o camponês arruinado pelas epidemias ou as terras em repouso, o das galés, o infectado pela peste, os idosos etc. É para eles que ele envia os seus.

Tudo isto é muito claro. São Vicente não se perde nas nuvens e não olha um Deus que vem do alto, mas que parte da terra. O seu Cristo levanta a humanidade desesperada e atrai para o alto. Faz sair o homem da sua miséria para o divinizar. O abismo do coração de Jesus de S. Vicente é feito de sofrimentos e de todas as misérias do mundo: “*Não ignorais que N. Senhor quis experimentar nele todas as misérias. Temos um Pontífice, diz S. Paulo, que sabe compadecer-se das nossas enfermidades, porque ele próprio as experimentou*”²⁰.

Como já tive ocasião de repetir depois de tantos testemunhos autorizados²¹, Vicente é o homem dos pobres. Ouvimo-lo suspirar de cansaço e de amor; “*Os pobres que não sabem onde ir e o que fazer, que sofrem tanto e que se multiplicam todos os dias, é esse o meu peso e a minha dor*”²². Torna-se mais categórico perante os seus irmãos reunidos quando afirma; “*Nós somos os padres dos pobres. Deus nos escolheu para eles. Está aí o nosso capital, todo o resto é acessório*”²³. E a vós minhas Irmãs, ele insiste este gênero de comparação: “*Nós somos servos dos pobres, apesar de indignos desta honra*”²⁴.

O nosso santo apropria-se com predileção da palavra definitiva de Cristo glorioso que julga todos os homens: “*Tudo o que fizeste ao mais pequenino dos meus irmãos, foi a mim que o fizeste*” (Mt. 25, 40). Às primeiras Filhas da Caridade, diz; “*os pobres são nossos mestres, são nossos reis*”²⁵, “*senhores*” que de algum modo voltam a situação estabelecida, e com que força em pleno coração do século XVII! A pirâmide é voltada ao contrário e os primeiros tornam-se os últimos. Os ricos e os grandes deste mundo são chamados a servir.

E nós conhecemos a ponta do seu pensamento; passar do amor afetivo ao amor efetivo; ter em conta os dois numa síntese evangélica. Não se contentar com bons sentimentos, mas “*ter uma piedade de mangas arregaçadas*”, como dizia o querido Pe João Morin, reprodução moderna da força dos nossos braços e do suor da nossa frente. “*Toda a nossa obra está na ação*”²⁶. Uma precisão a nunca omitir, a ação é compromisso junto dos pequenos e a união a Deus é o seu motor.

A este nível poderia dizer-se, que o profetismo de São Vicente é o dos profetas bíblicos que vivem o que dizem; assim Jeremias, Ezequiel, Zacarias, Oséias... Os seus anúncios gestuais e vitais (mais de 30) precedem ou acompanham os seus anúncios; são credíveis por que são portadores de sua vivência. S. Vicente é um testemunho tanto pelo seu compromisso como pela sua mensagem. Faz o que diz. Um último exemplo: prega ainda missões aos 72 anos²⁷ e adverte que gostaria de morrer *junto dum arbusto*²⁸ ou *num navio*²⁹, testemunho dum profeta comprometido. Estamos de tal maneira habituados a

S. Vicente ensinando, que nos arriscamos a esquecer que ele é um homem do terreno, um executante, um missionário e um servo em atividade. Fala mais por aquilo que faz do que por aquilo que diz. Reduzi-lo aos seus escritos seria redutor e culpável.

4. Homem de União

O profeta mantém a Aliança. Lembra o compromisso indefectível de Deus por seu povo e não se cansa de lhe lembrar que Deus mantém a sua própria fidelidade, apesar das suas traições e desvios; Unir é uma palavra-chave nos profetas. Reunir, religar, juntar, aproximar, numa palavra, unir é uma preocupação de S. Vicente. Ele é o homem da união.

Reúne as senhoras de boa vontade – na sua maioria casada – para fazer delas as pioneiras da AIC do nosso tempo e dar-lhes um regulamento onde se manifesta o trabalho em equipe.

Reúne os padres e os leigos de boa vontade para responder às necessidades sempre urgentes da missão e da formação e organiza-os em comunidade de pensamento, de oração, de partilha e, sobretudo de ação.

Ele participa ativamente na reunião das senhoras dedicadas à vida consagrada que a Providência e a tenacidade de Santa Luisa de Marillac reuniram para passar do “*pequena bola de neve*”³⁰ à grande Companhia das Filhas da Caridade de que eu tive a alegria de conhecer o expoente numérico dos anos sessenta!

Reúne homens de boa vontade para associar aos missionários e emprega homens de talento. Que se pense nos missionários intermitentes, os membros das Conferências das Terças Feiras em Paris ou na Província. Com os confrades Jacques Bénigne Bossuet pregou em Metz e João Jacques Olier em terras de sua abadia de Pébrac.

Vicente reúne os homens desejosos de se prepararem ao sacerdócio através dos “*retiros dos Ordinandos*” e contribui ativamente para a abertura dos Seminários Maiores.

Pensa nas crianças e cria “*as pequenas escolas*” e no extremo da cadeia, pensa nos casais idosos imaginando “*os pequenos casais*”.

Reúne os Padres com desejo de formação e imagina “*as conferências das terças feiras*” e cria “*retiros eclesiais*”.

Organiza em federação os de boa vontade para irem em auxílio das Províncias devastadas e imagina conjuntos e sistemas de informação (“*as relações*”) para obter a ajuda dos ricos. Que se pense na sua pesada rede de correspondentes (Papa, reis, príncipes, religiosas e de senhoras, de confrades, leigos com múltiplas etiquetas); que se analise as suas relações com a Companhia do SS. Sacramento, as fundadoras das novas Congregações; Que se recorde a sua ação unitária no Conselho de Consciência, desejoso de participar na reforma da Igreja. Sente-se que São Vicente quer reunir para uma maior eficácia e tecer relações sociais e evangélicas para melhor servir e evangelizar.

Para dizer as coisas de modo atual; nota-se em germen o conceito de “*Família Vicentina!*”. Estar unidos é ser eficaz, isto é, tornar “o amor efetivo”.

Mas os seus objetivos de ação, eles próprios unem e vem nos sacudir. Dois exemplos que não são nada inocentes.

- O primeiro concerne à finalidade da Congregação da Missão. Isso provocou reações hostis na Assembleia d’aggiornamento das Constituições em 1979 e 1980. Foi preciso dar-se conta da evidência tantas vezes repetida pelo fundador; “*O nosso Instituto tem dois fins principais, a saber, a instrução do*

*povo do campo e os Seminários*³¹. Conhece-se a complementaridade dos dois compromissos: formar padres, bons padres para bem trabalhar na manutenção dos frutos da missão. Para pobres revigorados na sua fé, pastores aptos para acompanhá-los e fazer crescer. Quem não vê a união numa grande obra, a da prosperidade espiritual?

- Outro traço de união marcado por uma ligação de peso e que vos diz respeito; *“O fim principal pelo qual Deus chamou e reuniu as Filhas da Caridade é para honrar N. Senhor Jesus Cristo como fonte e modelo de toda a Caridade, servindo-O corporal e espiritualmente na pessoa dos Pobres...”* diz a vossa fundadora direta, Luisa de Marillac³². E São Vicente, o co-fundador insiste: *“Ora bem, minhas filhas, suplico a Deus, fonte de caridade, de vos conceder a graça de aprender o meio de servir os pobres doentes corporal e espiritualmente”*³³.

Esta união tem o valor de instrução e de apresentação da vocação das Filhas da Caridade. E preciso não dissociar estas duas espécies de alimento, *“o corporal e o espiritual”*³⁴. Esta união constitui *“o espírito da Companhia”*³⁵. Às Irmãs enviadas a Angers em 1641, ele precisa o sentido desta expressão a respeito dos doentes: *“Servindo-os corporalmente dando-lhes o alimento e os medicamentos; espiritualmente, instruindo os doentes nas coisas necessárias à salvação, procurando que façam uma confissão geral de toda a sua vida, por este meio, os que morrerem partem deste mundo em bom estado, e os que curarem, tomem a resolução de nunca mais ofender a Deus”*³⁶. Está, pois, bem claro em seu espírito, que a evangelização é parte constitutiva do serviço.

E isso é tão verdade como o inverso, diz ele aos membros da Congregação da Missão, eles não devem excluir o serviço direto dos pobres com o falacioso pretexto numa vida missionária ativa ou dum compromisso nos seminários: *“A nossa pequena Companhia deu-se a Deus para servir o pobre corporal e espiritualmente e isso, desde o começo, do mesmo modo como trabalha na salvação das almas para as missões, ela estabeleceu um meio para aliviar os doentes através das confrarias da Caridade”*³⁷. Sabemos que alguns confrades farão a função de enfermeiros, distribuidores de dons e mesmo farão cozeiros!

Trata-se aí do desenvolvimento integral da pessoa, mesmo se se ignora ainda o seu conceito.

II. E SE NÓS FÔSSEMOS PROFETAS?

“Permita Deus, diz o maior dos santos, que todos fossem profetas!” (IV, 366 -21 de abril 1652). Que herança vicentina é necessária hoje por em prática para florescer de novo a esperança, virtude cardeal?

1. São Vicente cheio de Deus, se trai nos seus propósitos sobre aquilo que poderíamos chamar a sua vida em Deus. E evidente que ele está cheio de Deus; e é não menos claro que está desejoso de comunicar àqueles que não o conhecem ou o conhecem mal. Gosto do seu enraizamento em Deus. Sinal da autenticidade do seu profetismo que nos estimula.

Podemos ler um texto muitas vezes despercebido, como uma espécie de confissão, uma advertência sobre a sua capacidade se tornar interior pela oração, fonte de todas as audácias apostólicas e caritativas:

O jardineiro

“Se não aproveita nada da oração, não tirareis grande fruto das conferências; crede minhas queridas Irmãs, como o jardineiro toma o seu tempo duas vezes ao dia para regar as plantas do seu jardim, que, sem este auxílio, morriam durante o grande calor e que, pelo contrário, graças à umidade, tiram o alimento da terra, pois, uma certa umidade, proveniente desta rega, sobe pela raiz, corre ao

longo da haste, dá vida aos ramos e às folhas e o sabor aos frutos; assim, minhas Irmãs, nós somos como estes pobres jardins nos quais a seca faz morrer todas as plantas, se o cuidado e a indústria dos jardineiros não provê; para isso tendes o santo costume da oração, que, como suave rosa, vai todas as manhãs umedecendo a vossa alma pela graça que atraí de Deus sobre vós. Estais cansadas dos encontros e das dificuldades que tendes ainda de noite, este salutar refresco, vai dar vigor a todas as vossas ações. Oh! que a Filha da Caridade terá fruto em pouco tempo, se é cuidadosa em se refrescar por esta rega sagrada! Vós a vereis crescer todos os dias de virtude em virtude, como este jardineiro que todos os dias vê as suas plantas crescer, e em pouco tempo ela avançará como a bela aurora que se eleva de manhã e vai sempre crescendo até ao meio dia. Assim, minhas filhas, irá ela até atingir o sol de justiça, que é a luz do mundo e se mergulha nele, como a aurora se vai perder no sol” (Conf. de 1º de maio 1648-IX, 402).

Assim São Vicente é primeiro um homem de Deus, profundamente ancorado nele; não esqueçamos nunca que ele é um místico da ação. Para ele esta vida de intimidade com Deus é prioritária e ele encontra-a no exercício da oração, exatamente como o desportista melhora a sua capacidade e a sua força física através de treinos repetidos, por movimentos repetitivos, treinos de aquecimento muscular ou de agilidade. Lembrai-vos da insistência de S. Paulo: *“Não sabeis que os que correm no estádio correm todos, mas só um ganha o prêmio. Correi de maneira a ganhá-lo. Todos os que combatem se impõem toda a espécie de abstinências e fazem-no para obter uma coroa corruptível; mas nós, fazemo-lo por uma coroa incorruptível”*³⁸.

Onde estamos neste enraizamento em Deus? Constatamos que tratamos bem a nossa alma, que a regamos pela oração e que verificamos o adágio vicentino que nos incomoda cada vez que o ouvimos: *“dai-me um homem de oração e ele será capaz de tudo”*³⁹. A pertença a Deus é prioritário, é fonte viva do dinamismo da nossa ação. Esquivar-se da resposta a esta questão significaria anular a nossa ação profética...

2. São Vicente tem também um grande desejo de comunicar esta vida de intimidade com Deus, aos homens do seu tempo e sabemos, àqueles que são os mais pobres nos dois principais domínios de sua vida, o espiritual e o temporal. Se procura tornar-se interior, é para melhor comunicar aos outros, aquilo que vive e ressentido. Nele e nos outros, a paixão do Reino invade-o e nos convida a esse mesmo entusiasmo. Lembremo-nos o que ele disse do zelo; *“E este puro desejo de tornar agradável a Deus e útil ao próximo. Zelo para estender o império de Deus, zelo para procurar a salvação do próximo. Haverá outra coisa no mundo mais perfeito? Se o amor de Deus é um fogo o zelo é a chama. Se o amor é um sol, o zelo é o seu raio. O zelo é o que existe de mais puro no amor de Deus”*⁴⁰. Convido-vos a meditar neste texto que é também em forma de confissão e que é duma admirável atualidade para cada um de nós.

O profeta missionário

“Ora bem, demo-nos a Deus com tudo de bom, trabalhemos, assistamos os pobres dos campos que esperam por nós. Pela graça de Deus, há nas nossas casas quem esteja quase sempre no trabalho, umas mais, outras menos, nesta missão, nesta outra, nesta aldeia nesta outra trabalhando sempre, pela misericórdia de Deus. Lembro-me (é preciso dizer isto?) que outrora quando voltava da missão me parecia que, voltando a Paris, as portas da cidade deviam cair sobre mim para me esmagar; e raramente voltava da missão que este pensamento não me viesse ao espírito. A razão disso, é que me considerava a mim próprio: “Vais para Paris, e eis que outras aldeias esperam a mesma coisa que acabas de fazer nestas e outras aldeias! Se tu não estivesses lá, talvez essas pessoas, morressem no estado em que as encontraste e estariam perdidas e condenadas. Se encontrastes isso, tais pecados que cometem nesta paróquia, não tens motivo de duvidar que encontrarias a mesma coisa e que as mesmas faltas se cometem na paróquia vizinha? Entretanto esperam que tu faças a mesma coisa que fizeste nas paróquias vizinhas; esperam a missão e partes e os deixas? Se eles morrem nos seus pecados, tu serás a causa da sua perdição e deves recear de que Deus te peça contas”. (Repetição de oração de 25 de nov. 1657- XI, 444-446).

E eis a bola enviada de novo ao seu objetivo! Somos convidados a arregaçar as mangas, a não conhecer o que São Vicente chama “*a insensibilidade*”. Estamos chamadas à ação na linha do apelo recebido e do nosso carisma. Temos de nos livrar de cairmos no ativismo e no enfraquecimento do nosso compromisso.

Como somos portadores da Boa Nova à maneira de Jesus, atentos aos feridos da vida e acolhedores aos que procuram sentido das urgências atuais?

Somos nós semeadores de eternidade fazendo reconhecer aos pobres do nosso tempo, que são filhos de Deus, amados e chamados por Ele, a uma vida com Ele?

Como asseguramos este trabalho de eternidade fixando-nos numa natureza humana restaurada na sua dignidade e nas suas necessidades de base, o espiritual sendo a coroa duma humanidade assegurada? Não posso dizer a alguém para amar a Deus se tem fome, tanto é verdade que “estomago vazio não tem ouvidos”!

Profetas? Sim, somos profetas se somos apaixonados por Deus e pelos homens. Esta dupla paixão a construiu São Vicente e tendo-a seguido, nós somos obrigados a imitá-lo. Nós somos porta-voz e mensageiros de Deus. Nosso ser, manifesta Deus e mais ainda, o nosso agir. Tal é a nossa responsabilidade;

3. São Vicente acentua o seu profetismo com a marca da inventividade. Vê as necessidades e responde. Nós estamos marcados por grandes fundações, mas uma leitura atenta dos seus escritos faz-nos perceber as intervenções múltiplas e diversificadas nestes grandes domínios. Por exemplo, esquece-se muito a presença da Congregação da Missão nascente nas Ilhas britânicas; Escócia, as Hebrides e as Orcades... ou as Filhas da Caridade no terror da Fronda; durante o tempo da fronda parlamentar proporcionam pão, trabalham no jardim, tratam dos porcos; durante a fronda dos Príncipes, as Irmãs são enviadas a socorrer os doentes, os esfomeados, os sem-abrigo enquanto outras distribuem a sopa a 1.300 pobres envergonhados e a 800 refugiados. Sem esquecer a ajuda prestada aos cuidados e à educação dos órfãos, tudo isso não sem riscos e medos⁴¹.

Seria preciso falar em detalhe dos mendigos, dos prisioneiros, dos galerianos, dos escravos da assistência às províncias devastadas, dos doentes, alienados, órfãos, sinistrados, exilados... quer sejam ricos ou pobres.

Pode-se dizer também que rapidamente, São Vicente e Santa Luisa aceitaram a mobilidade fora da capital. São os apelos que comandam; assim os estabelecimentos da capital, depois entre 1638 e 1648, 20 comunidades e entre 1648 e 1660, 15 outros. A expatriação se prepara com a Polónia com um longo período de incertezas. O que é impressionante neste pulular de fundações, é a acumulação das dificuldades, de problemas, de tribulações: por exemplo a provação de Liancourt⁴², dissensões, tensões, oposições e os conflitos de Nantes; os problemas económicos em Fontainebleau e Chantilly, oposição jansenista em Chars... numa palavra, estes exemplos bastam para mostrar a obstinação dos fundadores e das primeiras Irmãs. “*Pedem-vos de todos os lados*”⁴³ e “*tudo é miraculoso*”⁴⁴... é bem aí “o cântico da despedida” das Filhas da Caridade e isso é instrutivo para elas hoje. E preciso não recear diante do pequeno número ou a diminuição dos efetivos. O Pe Roman escreve na seu inigualável “São Vicente de Paulo”: “*A maioria não comporta que duas ou três Irmãs, que viviam seja numa casa de aluguel, ou na casa de uma dama da Caridade que as tinha pedido, ou num apartamento cedido pela confraria, a paróquia ou a administração comunal. Muito poucas fundações precisavam dum grupo de Irmãs mais avantajado. As maiores ultrapassavam um pouco mais de meia dúzia. Apesar disso, estas pequenas equipas, semeadas por vós no solo Francês, mostraram-se tenazes, enraizaram-se e asseguraram à comunidade um desenvolvimento extraordinário. As “sólidas virtudes” entraram no coração das Irmãs*”⁴⁵.

Não devo criticar os números atuais porque isso vos diz respeito. Mas a vivacidade e a fertilidade dos começos nos conduzem a uma lei que não engana: trata-se primeiro de ser! Escreveu-se tanto sobre o vosso “ser serva”⁴⁶ que seria vão acrescentar algo mais, mas permito-me dizer-vos que o

povo sente se encontra em nós o espírito vicentino, tanto ele é identificável pelos sinais que não enganam: simplicidade, humildade, caridade para com os pobres e profunda vida de oração... Temos nele e por ele, a fonte de irradiação da nossa comunidade local. Resta-nos manifestar a mesma atenção aos sinais dos tempos e a detectar aquilo que nos chama e como podemos responder. Há como uma espécie de discernimento comunitário, institucional e provincial a fazer.

Sim, “*o amor é inventivo até ao infinito*”⁴⁷, sobretudo quando recusa o pacifismo e escolhe deliberadamente viver a Esperança!

Desejo a todas - o olhar da vossa história – ser construtores de catedrais!

Conclusão

O Pe. Grégory falou-nos ultimamente da harmonia e da “*restauração de todo o nosso ser*”. A Irmã Evelyne recomendou-vos de “*fortificarem o homem interior*”. O Pe. Javier lembrou-vos a importância da oração onde passa a “*brisa ligeira*”. Todas estas reflexões se unificam numa mesma exigência.

Não há profeta verdadeiro senão Deus; Não há profeta verdadeiro senão da Palavra. Não há profeta verdadeiro que não seja Igreja; Abrir sulcos muito profundos de interioridade é a urgência das urgências. No mundo atual onde há tanta algazarra ensurdecidora dos medias a ponto de nos tornarmos como prisioneiros até em nossa julgar, mesmo em relação à Igreja, é de toda a evidência, decisivo reforçar esta mesma interioridade nos outros. Tenho como uma intuição depois de um certo tempo que vos dou sob forma de interrogação apoiado num testemunho recente:

Vivo com um jovem confrade, padre desde há nove meses; acaba de preparar um jovem casal para o matrimônio; como se deve, ele ouve a história de cada um; no momento em que fala com a jovem, descobre que não é batizada, fez a primeira comunhão, recebeu a confirmação. Ele pergunta: para ti, quem é Jesus Cristo? Ela marca um tempo de silêncio e responde espontaneamente. “**Ninguém**” – Mas então o que reteve do catecismo? - Resposta: falaram-nos de valores, de bondade, de fidelidade, de respeito... “Ninguém”! Depois, desta “Pessoa”, me persegue como ele provocou este jovem padre! Minha ultima pergunta é a seguinte: “Se a maior das pobreza é não conhecer a Deus e mais ainda aquele pelo qual ele manifestou o seu amor, aquele que deu a sua vida pela salvação do mundo, qual é o primeiro serviço a prestar atualmente”?

Filha da caridade, és profeta pela caridade do pão espiritual, o mundo tem fome!

Padre Jean-Pierre RENOARD cm

Notas

¹ O Padre Monloubou em seu dicionário bíblico universal

² Coste IX; 58-59 de 9 de março de 1642 (o texto mais inexacto); XI, 2-5 não datado (texto de Abelly, unicamente sobre o sermão de Folleville e suas consequências); XI, 169 de 25 de janeiro de 1655 (relato diferente da questão doo camponês); XII, 7-8 de 17 de maio de 1658 (relato clássico); XII, 82 de 6 de dezembro de 1658 (comentário).

³ XI, 170 de 25 de janeiro de 1655: “alguns não sabiam as palavras da absolvição”.

⁴ “São Vicente não disse isto só uma vez, pelo menos nos textos que nos restam, e totalmente ao final de sua vida, falando aos missionários, na sexta-feira, 17 de maio de 1658, aos 77 anos, sobre a observância das regras, e dizendo mais uma vez que a origem das missões não vinha dele, mas das disposições da Providência. Foi 35 anos após os fatos e sabemos o quanto ele é levado a deixar-se levar pelo discurso!” (Bernard Koch, cm, notas digitadas sobre o assunto, 31 de março de 1998).

⁵ O Padre Bernard Koch entra no mesmo sentido. Para ele, “temor de Deus”, evoca o respeito no amor e mesmo na alegria, com o desejo de agradecer-lhe e de temer perder o seu amor. O medo do inferno não exclui, mas não é primeiro” (Op. cit. p.5).

- ⁶ XI, 2-5 de 17 de maio de 1658; Abelly 1, 1, c8 de p. 31-35; Collet t1, 46-48.
- ⁷ XI, 5, sem data.
- ⁸ Paulo VI – Evangelii nuntiandi § 27 – 8 de dezembro de 1975.
- ⁹ XI, 90, sem data.
- ¹⁰ idem.
- ¹¹ VII, 149, aos membros da C.M., maio de 1658.
- ¹² XI, 31, sem data.
- ¹³ (observações, título do Pequeno Catecismo da Missão, Bibl. Nação., Funds fr., Ms 24851, f 315, publicado por M.J. Guichard, cm: São Vicente de Paulo, catequista, Paris 1939).
- ¹⁴ XI, 12, sem data.
- ¹⁵ XII, 23-24, sem data (pode-se ler também com proveito: VIII, 208; XI, 258 e 286).
- ¹⁶ XII, 109 de 13 de dezembro de 1658.
- ¹⁷ Conferência de 17 de novembro de 1656 – XI, 388
- ¹⁸ Conferência às Irmãs de 19 de julho de 1640 – IX, 19
- ¹⁹ Conferência de 15 de novembro de 1657 – X, 355 e Conferência no amor de Deus – XI, 43.
- ²⁰ XI, 23, sem data.
- ²¹ “Rezar 15 dias com São Vicente de Paulo”, Nouvelle Cité n° 45 – traduzido em português com o título “Orar 15 dias com São Vicente de Paulo” – Editora Santuário n° 10.
- ²² Collet, I, 479.
- ²³ Trecho de Collet VII, 168.
- ²⁴ X, 266 de 22 de maio de 1657.
- ²⁵ X, 610 de 25 de novembro de 1658.
- ²⁶ XI, 40-41, sem data.
- ²⁷ IV, 584, 586-587, 589, abril de 1656.
- ²⁸ V, 204 de 23 de outubro de 1654.
- ²⁹ XI, 402 de 17 de junho de 1657.
- ³⁰ X, 101 de 8 de agosto de 1655.
- ³¹ III, 273
- ³² Santa Luísa, 21 de junho de 1647, L., 179, ao Senhor Portail, E. 202.
- ³³ IX, 60 de 16 de março de 1642 – O instrumento de pesquisa indica 20 vezes o uso deste binômio, o que não fica sem impacto o nosso assunto.
- ³⁴ IX, 593 de 9 de fevereiro de 1653.
- ³⁵ IX, 592 de 9 de fevereiro de 1653.
- ³⁶ XIII, 539, 1641.
- ³⁷ VIII, 238 de 5 de março de 1660
- ³⁸ 1 Cor 9, 24-25.
- ³⁹ XI, 33, sem data.
- ⁴⁰ XII, 307-308 de 22 de agosto de 1659.
- ⁴¹ Cf. O excelente capítulo 13 “durante a grande miséria da Fronda” do livro de Irmã Elisabeth Charpy “Contra ventos e marés, Luísa de Marillac” Edições Companhias das Filhas da Caridade – 1988.
- ⁴² Duas jovens as tinham acusado de infâmia!
- ⁴³ III, 210 e X, 222 de 7 de julho de 1647 e 20 de agosto de 1656.
- ⁴⁴ i, 247, entre 1632 e 1636.
- ⁴⁵ São Vicente de Paulo, biografia – José Maria Roman, cm – Edições Alzani 2004 – 822 páginas, p. 562-563, Edição original São Vicente de Paulo – setembro de 1981 - BAC.
- ⁴⁶ Ver a ficha vicentina n° 41 “Ser para o serviço”.
- ⁴⁷ XI, 146, em 1645, lembrando-se que esta palavra é aplicada a Deus Pai, autor da Eucaristia!

SENHOR MARIO GIRO – COMUNIDADE SANTO EGÍDIO

A colaboração

27 de maio de 2009

Queridas amigas

Sinto profundamente não poder estar hoje com vocês. Gostaria de poder estar nesta célebre Casa Mãe na Rua do Bac, onde nasceu uma grande história de caridade para os pobres. Gostaria de estar presente para agradecer-lhes por tudo o que fazem pelos pobres desde o princípio de sua história. Mas também pela estreita colaboração que se estabeleceu entre as Filhas da Caridade e a Comunidade de Sant'Egidio. Um problema de saúde, não muito sério, mas agravado por um acúmulo de fadigas destes últimos meses, obrigaram-me a retratar-me. Peço-lhes desculpas.

Envio-lhes o meu texto que Mario Giro lerá. Porém, ele fará mais do que lê-lo, o tornará vivo, pois, é meu muito querido companheiro de caminhada e um grande amigo da África. Mario Giro conhece os sofrimentos do continente africano: a guerra, mãe de todas as pobreza, suas doenças, mas também todas as suas potencialidades. Como eu e, certamente melhor do que eu, ele poderá responder às perguntas que meu texto suscitará. Ele é um homem que, apesar do sofrimento das situações diferentes com as quais é confrontado, sempre procura um caminho de esperança.

Como eu já falei, muitos caminhos de amor e de serviços dos pobres nasceram aí na sua Casa Mãe. É uma grande história de amor para e com os pobres. Mas não podemos olhar somente para o passado com complacência. Tenho certeza que vocês o fazem.

Quem conhece as feridas do mundo, sabe que são gritos ardentes: pedidos de cura, vida digna, melhor... além disso, o Papa João XXIII que falou de uma Igreja para todos e, mais particularmente, para os pobres, convidou-nos também a escutar os sinais dos tempos. Às vezes nossas comunidades ficam cegas face ao presente, ao mundo onde vivem conosco homens e mulheres. Cada um e cada uma se refugia em seu trabalho: vê suas mãos que trabalham e não vêem os rostos daqueles que apertam-lhe a mão, o tocam ou o estendem suas mãos. Ele crê ver, mais ao fundo, não vê a realidade de frente. Deixa-se levar pela vida; é a constatação de uma vida bem engajada.

Por isso – creio eu – vocês quiseram que o tema desta Assembleia fosse “profecia e esperança agora e em toda parte”. Desejando olhar além. O Concílio Vaticano II e o Papa João XXIII nos deram uma grande lição sobre os sinais dos tempos. Não devemos nos tornar sociólogos nem psicólogos - como muitas vezes certas Igrejas tentam explicar o mundo contemporâneo por peritos - mas nós mesmos somos “os peritos em humanidade” dizia Paulo VI. Os sinais dos tempos nos ajudam a olhar mais longe. Através de nossa experiência em humanidade, é necessário saber ler nosso tempo à luz do Evangelho, lâmpada que ilumina nossos passos.

Só uma vez no Evangelho, Jesus utiliza esta expressão “dos sinais dos tempos” quando ele se dirige aos fariseus e saduceus “assim o aspecto do céu, vós sabeis interpretá-lo; mas os sinais dos tempos, vós não sois capazes” (Mt 16, 3). Permitam-me dizer que, às vezes, nós falamos do céu, da fé, sem saber ler os sinais dos tempos lá onde vivem homens e mulheres.

O mesmo Conselho falava de *aggiornamento* - expressão muito particular - que não significa modernização, nem imitar nosso tempo e nem mesmo adaptar-se à sua mentalidade. Então a profecia se perde porque o *aggiornamento* é a recusa para ajustar-se à vida e à mentalidade deste mundo. O *aggiornamento* é a capacidade de ler os sinais dos tempos e de orientar seu próprio caminho à luz dos dias atuais: não é ajustar-se, mas viver de maneira profética.

Estou muito contente, com minha contribuição, e gostaria de dizer que a Comunidade de Sant'Egidio está unida a vocês para escutar os sinais dos tempos e buscar caminhos de esperança e de profecia. Os sinais dos tempos, em várias partes do mundo, criam uma humanidade profundamente ferida. Estes são os perigos do mundo africano que todas conhecem de perto e muito bem: não somente a *África* atingida pelas guerras e doenças, mas também a África sem perspectiva de futuro. Com efeito, os grandes fenômenos da emigração (que se referem aos jovens e às pessoas que têm um certo nível cultural) são sinais esclarecedores de que seu futuro não está no próprio país, mas em outro lugar. O grande entusiasmo popular que acompanhou a descolonização remonta para mais de 40 anos. Neste tempo, os africanos acreditaram em seu futuro. Sim, na África, a esperança de um futuro carece de

maneira concreta. A África precisa de esperança para sua população: como um pai que espera que a vida de seus filhos possa melhorar; um jovem espera um futuro melhor para ele; uma mãe doente de AIDS espera boas coisas para seus filhinhos.

A esperança é importante, mas dificilmente perceptível. As pessoas – inclusive nós - para ter esperança precisamos ter perspectivas de futuro: as perspectivas são como ícones. Um homem de fé precisa de ícones para representar a sua fé, o Senhor, a Mãe de Deus, os santos e os mártires. Mas até mesmo a esperança precisa de ícones: estes ícones são visões do futuro.

Sim, nosso mundo contemporâneo carece de perspectivas: no mundo político e entre os políticos, e até mesmo na Igreja. Sim, as visões são ícones de esperança. As pessoas se olham e vivem o tempo presente, mas não tem ideal. Luta-se, sacrifica-se, trabalha-se para alcançar um ideal.

O fechamento sobre si mesmo é um fenômeno muito difundido no Ocidente, na Europa e na América do Norte. Na semana passada em Aix La Chapelle, onde recebi para a comunidade o prêmio Charlemagne, eu afirmei forte e claramente em meu discurso que a Europa não pode viver somente por si mesma senão ela morre. Uma Europa sem missão no mundo, divide e não tem futuro. Sim, mesmo a Europa e o Ocidente – isto se verifica na política – perdem ideais e correm o risco de viverem voltados sobre si mesmos. A Europa é um cofre-forte e uma fortaleza. E corre o risco de tornar-se o continente da ganância.

Este recuo e este fechamento têm um impacto importante na vida das pessoas que temem engajar-se muito ou comprometer-se para a vida. Há a dificuldade de encontrar mulheres e homens que se dediquem ao serviço dos outros e do Evangelho. O homem e a mulher européia são frequentemente bloqueados por uma vida vivida por eles mesmos. Então, eles não conhecem a felicidade. Esta não pode existir sem a generosidade. Sim, a felicidade não existe sem generosidade. Nosso Mundo do norte é um mundo infeliz.

No fundo os europeus têm medo de perder algo, seu mundo, seu bem-estar. Percebe-se isto em relação aos emigrantes que chegam ao continente. Não podemos apenas fechar as fronteiras. Os emigrantes que chegam à Europa são o sinal de algo que se vive além da Europa. Os europeus não só têm medo das pessoas que chegam de fora, mas têm medo também dos seus concidadãos doentes, idosos e inválidos. Parece que eles não podem suportar tantos sofrimentos. Sentem-se frágeis e não suportam mais a dor de outros. Mas, repito: sem generosidade, sem compaixão, não se pode ser feliz. É um pouco o castigo de nosso mundo.

Assim, os idosos são expulsos de suas casas ou de suas famílias, para preparar-se para morrer em instituições (residências), longe de seus familiares e de seu meio ambiente. Eu sempre percebo a profunda contradição de uma sociedade moderna que faz viver mais tempo, prolongando a vida - e é um grande dom - e que até mesmo transmite aos seus idosos que eles devem partir porque estão sobrando. Ouve-se dizer que eles custam muito caro à sociedade.

Centrar-se em si mesmo e em seu próprio interesse destrói e esvazia o sentido profundo da gratuidade. A generosidade para com os outros e os pobres parece inútil e insensata. Numa lógica comercial pergunta-se: quanto vou ganhar com isso? A gratuidade se erode e se degrada. Tudo se compra e nada é grátis. A vida doada aos outros aparece então sem valor.

Até mesmo a família sofre esta erosão da gratuidade. Na realidade, a família é uma pequena comunidade fundada na gratuidade. A crise da gratuidade, seu desaparecimento na vida social é um sinal preocupante num mundo onde desde já tudo se vende e tudo se compra; é o mundo que se converteu em mercado, controlado por uma providência-mercado (mas a recente crise econômica mostra que não tem nada de providencial). Mas a crise da gratuidade é também crise da humanidade.

Penso na Ásia que passou por um desenvolvimento impressionante, mas demonstra uma vida pessoal e social centrada na produtividade. É emblemático em alguns países onde os dias de festas são

suprimidos para aumentar a produtividade. Não há mais espaço para a gratuidade e por consequência a própria humanidade está ferida. Porque sem gratuidade o homem e a mulher não são mais eles mesmos.

Medo de perder algo, medo dos outros, medo do futuro. A Europa tem medo do futuro, dos outros, dos seus feridos da vida, das pessoas idosas. O medo amolda a vida dos europeus. O medo é velho como o mundo. Quantas vezes na Bíblia encontramos a exortação para não ter medo. Isto significa que o homem é invadido pelo medo. Portanto, este homem ocidental que usa de acordo com sua vontade a técnica que parece ter o poder para transformar as leis profundas da vida, que tem importantes possibilidades de agir, tem realmente medo. O medo é um dos sinais dos tempos do mundo ocidental.

O medo não nos torna homens bons ou mansos, mas freqüentemente nos torna agressivos. Para sair do medo, isto é, tornar-se corajoso, diz-se que precisamos de um inimigo. E é então que se cria a cultura do inimigo que freqüentemente domina o horizonte de um mundo de homens e mulheres medrosos.

É impressionante ver como o mundo globalizado não tem paz. Nosso mundo não tem sido unificado e pacificado pela globalização. Tem havido uma globalização econômica, porém reapareceram conflitos antigos e surgiram novos. O homem e a mulher, as culturas e as religiões se sentem ameaçadas e têm medo num mundo muito grande: a desorientação conduz ao conflito e à cultura do inimigo. Um sinal dos tempos de nosso mundo contemporâneo é a expansão da agressividade e da violência. É um sinal dos tempos que nos interpela todos a cultivar o diálogo e o amor.

Não posso falar aqui dos grandes problemas de choques de religiões e de civilizações. Todas sabem como a comunidade de Sant'Egidio está fortemente engajada, desde 1986, depois do grande encontro das religiões do mundo pela paz em Assis, querido por João Paulo II..., está empenhada também no processo de diálogo entre as religiões e as culturas. O Espírito de Assis é a verdadeira resposta à problemática dos confrontos de civilizações e religiões. Hoje, compreendemos melhor a intuição de João Paulo II: viver a arte do diálogo sem confusão fazendo emergir em todas as religiões o grande valor da paz inscrita em suas raízes. Mas o diálogo não é algo acadêmico: refere-se também à vida diária, a vida entre pessoas diferentes que aprendem a se conhecer na diferença e apreciar esta diferença. Todos lembram como, há 15anos, em Ruanda ocorreu a terrível matança entre pessoas que viviam juntas: tutsis e hutus. O diálogo previne o conflito, cria vínculos, estabelece a paz. O diálogo é a paz preventiva.

Há muita agressividade em nosso mundo contemporâneo. Penso nas grandes periferias das cidades latino-americanas onde a violência se torna a escola de iniciação na vida de muitos jovens. Na América Central – penso particularmente a El Salvador - as máfias de jovens se espalharam e se fortaleceram, as 'maras', que propõe aos jovens e aos adolescentes uma vida violenta onde tudo é possível, mesmo se eles sabem que não viverão por muito tempo. A violência e a agressividade são uma grande ameaça para a paz. Realmente a paz não é ameaçada só pelas guerras, mas também pela difusão da violência que, de certo modo, quase uma guerra.

Poderia continuar, mas creio que cada um de nós deve acrescentar o sinal do ou dos tempos que o toca mais particularmente. O sinal dos tempos é freqüentemente uma ferida que nos questiona. Realmente, uma congregação religiosa como a de vocês, presente em mais de 90 países do mundo, representa um observatório especial dos sinais dos tempos, das feridas dos homens, dos pedidos de esperança e de paz. Digo com plena consciência porque a experiência de Sant'Egidio, embora sendo uma história diferente, é análoga à de vocês, Filhas da Caridade. A Comunidade de Sant'Egidio está enraizada em mais de 70 países do mundo com comunidades locais: vivem a proximidade com as mais diversas pobreza: crianças, doentes de AIDS, idosos, prisioneiros (e muitas vezes a vida em alguns cárceres africanos latino-americanos, asiáticos, são quase uma condenação à morte, pelas condições em que vivem), os doentes, os sem domicílio fixo, os emigrantes.

Vivemos nestas realidades locais, como amigos dos pobres, mas também sentimos a alegria e o desafio de ser uma pequena fraternidade sem fronteira, constituída de homens e mulheres de idiomas e nacionalidades diferentes. Em nossas comunidades, vive-se a experiência da globalização cristã que acompanha o cristianismo desde suas origens, como se vê nas cartas do apóstolo Paulo. São João Crisóstomo escreveu que a fraternidade cristã é paradoxal, porque os que vivem em Roma sabem que eles fazem parte do mesmo corpo daqueles que vivem na Índia. Nossas fraternidades universais são um sinal e uma resposta à lógica das confrontações entre os grupos étnicos, as culturas e as civilizações diferentes. Eles são o sinal de que os homens e as mulheres, de histórias e nações diferentes, podem formar uma família sem fronteira.

Nossas fraternidades não só contam com seus membros, mas também com os pobres (aqueles que cuidamos e que nos procuram) que fazem parte de nossa família. Nossas fraternidades são também, de uma certa maneira, centros internacionais dos pobres que pertencem a países e continentes diferentes. É assim que eu concebo a experiência DREAM, a da cura dos doentes de AIDS: na diversidade das situações, um mesmo espírito une as experiências diferentes de cura e sofrimentos. Assim nossas fraternidades são também uma globalização da solidariedade.

A experiência de encontro e colaboração entre a Comunidade Sant'Egidio e as Filhas da Caridade, na diversidade dos carismas nasce da necessidade de não renunciar uma visão de um mundo diferente, melhor e mais humano. Sim, eu gostaria de dizer que não devemos renunciar um mundo onde os doentes mantêm a esperança de curar-se e de viver, onde as crianças tenham a esperança de não morrer e ter um futuro humano, onde os idosos não são abandonados, onde os homens e as mulheres angustiados com seu futuro sejam escutados, onde os pobres sejam menos pobres, onde os feridos da vida sejam atendidos e curados. Com efeito, nossa amizade nasceu dos pobres e da necessidade específica de cuidar melhor dos doentes de aids. Mas, a nossa amizade, não foi somente uma colaboração funcional, mas uma amizade que, partindo dos pobres e doentes, tocou a profundidade da comunhão cristã.

Poderia dizer que o sinal dos tempos que nos tocou e interpelou foi a aids. Tínhamos constatado que ao redor de nós, muitos morriam desta doença. Isto nos preocupou e nos levou a levantar nosso olhar, a procurar, a tornar-nos mendigos de esperança. Diante da situação vivida pelos doentes de AIDS, nós nos perguntamos: como poderíamos usar hoje, o poder de cura que o Senhor concedeu aos seus discípulos.

Sant'Egidio e as Filhas da Caridade são duas pequenas células internacionais sem fronteiras em muitos países do mundo, amigos dos pobres, que não abaixam os braços e mantêm a esperança. Somos diferentes, mas caminhamos na mesma direção e nós nos fazemos as mesmas perguntas. Não somos resignados ao fato de que este mundo possa estar também doente, pobre, abandonado e doente. O contato com o sofrimento dos homens e mulheres faz nascer em nós uma grande esperança: sim um sonho. É o sonho de curar, curar os doentes e transmitir o Evangelho da Esperança. Sim, Jesus deu aos seus discípulos o poder de anunciar o Evangelho e de curar os doentes. Não queremos renunciar este poder que não é o poder deste mundo. Não queremos enterrá-lo por medo. Mas, queremos fazê-lo frutificar, pois o mundo necessita disto.

Fala-se muito da maneira como os leigos e religiosos podem colaborar juntos. Quantas vezes se gastam cartuchos de tinta para escrever páginas de teoria. A história da colaboração entre as Filhas da Caridade e a Comunidade de Sant'Egidio nasceu de duas personalidades eclesiais que têm caracteres e histórias diferentes, mas que não aceitam resignar-se ou virar as costas ao sofrimento dos pobres. Somos amigos graças aos pobres. Além disso, os doentes de aids fizeram com que nos encontrássemos. Isto revela como ambos não buscamos outra coisa que servir os doentes e os pobres. Os novos caminhos e as colaborações nem sempre são fáceis, pois até mesmo os cristãos são homens e mulheres como todo mundo, com sua mentalidade e seus costumes.

Além do mais, a Comunidade de Sant'Egidio tem uma longa história de amizade com os religiosos que, foram os primeiros, a levar a sério o seu carisma desde suas origens nos anos 70 em

Roma. Entre estes religiosos havia Lazaristas e Filhas da Caridade. Alguns deles começaram a participar da oração da tarde da Comunidade Sant'Egidio, particularmente em Roma, e assim criou-se uma amizade que só tem crescido ao longo dos anos. Nossas comunidades se reúnem à tarde para escutar a Palavra de Deus e dirigir uma mesma oração ao Senhor. Este encontro acontece na bela basílica de Santa Maria di Trastevere em Roma, diante de um esplêndido mosaico, como na pequena comunidade em Moçambique ou na Indonésia.

Somos uma comunidade de leigos que tem uma vida profissional e familiar, mas nós também somos chamados a sermos homens e mulheres espirituais. Como dizia São João Crisóstomo ao povo de Antioquia, os leigos precisam mais do que os monges da Palavra de Deus, pois eles vivem em meio às dificuldades e incertezas da vida diária. Tornamo-nos verdadeiros amigos dos pobres se somos homens e mulheres espirituais, se escutamos a Palavra de Deus, se abrimos nossos corações à oração.

Em outras palavras, uma bela oração, acolhedora e aberta, é um testemunho para todos, pois está no centro de nossa vida: ela atrai aqueles que estão em busca. Fico surpreso pelo número de pessoas que vêm regularmente ou ocasionalmente à nossa oração da tarde. Frequentemente, falando às Comunidades religiosas, pergunto-me por que elas têm tanto espaço e Igrejas que não abrem àqueles que buscam Deus. Uma bela oração aberta aos outros é uma graça e um testemunho evangélico.

Dezenas de anos de escuta da Palavra de Deus e de oração em comum permitiram às pequenas comunidades de Sant'Egidio se tornarem santuários onde aqueles que buscam um sentido a sua vida encontram um refúgio. Quem vem à linda basílica de Santa Maria Trastevere, à tarde, pode vê-la cheia de homens e mulheres que não são membros da Comunidade de Sant'Egidio, mas vêm de todos os lugares (Entre estes muitos religiosos que não estão de passagem, mas moram em Roma). Percebe-se assim, a importância de ter um centro de oração no centro da Cidade. Não digo isto para louvar a experiência de Sant'Egidio, mas para dizer como o testemunho, o acolhimento na oração é frequentemente, o dom mais precioso que nós podemos oferecer aos outros. Os lugares de oração são santuários de esperança.

Entre todas as nossas obras, a oração é a primeira. Eu sempre me lembro que um grande amigo da Comunidade, o pastor protestante Vaudois, Valdo Vinay, explicava a parábola do Bom Samaritano fazendo um paralelo com o Evangelho de Marta e Maria. Marta preocupada com suas múltiplas tarefas não escutava o Senhor. Maria escolheu a melhor parte que não lhe será tirada. Na parábola do Bom Samaritano, o Levita e o Padre preocupados com seus negócios, não param junto ao homem meio-morto no caminho entre Jericó a Jerusalém. Só um samaritano pára. Maria e o Samaritano escolheram a melhor parte. Não há distinção entre Maria e o Samaritano. Realmente, não há contradição entre a vida ativa e a vida contemplativa: não são duas escolhas diferentes ou opostas. Mas aqueles que escolhem estar do lado de Maria, também escolhem estar próximo do homem meio-morto. Eu gostaria de acrescentar que não se pode permanecer muito tempo ao lado de um homem meio-morto somente com a esperança de sua cura e de sua salvação, se não escolhe fazer como Maria.

O acolhimento na oração foi o primeiro passo de amizade entre a comunidade de Sant'Egidio e muitos religiosos e religiosas. Muitos religiosos que também nos ajudaram financeiramente quando passamos por algumas dificuldades. Embora a comunidade de Sant'Egidio seja rica de sonhos ela não o é em recursos, mesmo hoje. As pessoas de fora sempre se equivocam porque pelo fato de ver nosso desejo de ajudar pensam que temos muitas possibilidades econômicas. A colaboração com as Filhas da Caridade surgiu da demanda de recuperação e ajuda dos doentes de aids de Moçambique. Estes pacientes aproximaram-se de nós.

O projeto DREAM, tratamento aos doentes de aids, querido pela Comunidade de Sant'Egidio, foi fundado em fevereiro de 2002 neste país africano; alguns meses depois, as Filhas da Caridade que administravam um hospital em Choqwe, na Província de Gaza, pediram a ajuda da Comunidade cuidar dos doentes de aids. O centro de Choqwe é o primeiro centro DREAM das Filhas da Caridade. Hoje, mais de 5.000 doentes de aids são acolhidos neste centro; trata-se de um grupo de mulheres, homens e crianças, que foram condenados à morte; eles o sabiam, mas descobriram uma ressurreição. Com efeito

- muitos doentes tratados testemunham isto – DREAM significa, de um ponto de vista existencial, que eles fazem a experiência pessoal da passagem da morte à vida, à ressurreição.

Desde junho de 2004, graças à intervenção de Irmã Evelyne Franc, nasce a idéia de que as Filhas da Caridade seriam capazes de pôr em prática este programa de tratamento da aids, começando pela África. Em seguida, em 2005, um acordo geral foi assinado em Paris, no qual as Filhas da Caridade se comprometem a adotar e a implantar o programa DREAM, nos hospitais e centros de tratamento dirigidos pela Comunidade, no mundo inteiro. As Filhas da Caridade, segundo o acordo assinado, compromete-se a desenvolver DREAM de acordo com as modalidades próprias, porque o consideram um programa evangélico que oferece aos pobres excelentes cuidados.

Com efeito, DREAM representa um verdadeiro sonho: Bento XVI afirmou isto por ocasião de seu encontro, nos Camarões, com os voluntários da Comunidade de Sant'Egidio: DREAM é um sonho que se tornou realidade.

Um abismo separa os países ricos do Norte dos países pobres do sul, até mesmo face aos acontecimentos dramáticos da doença. Um doente de AIDS pode ser tratado na Europa ou nos Estados Unidos. Mas na África morre-se da doença. As crianças nascem doentes e morrem. Seus pais desaparecem e seus filhos são condenados a viver sozinhos, expostos a todos os tipos de dificuldades. Por que os doentes do Sul não têm os mesmos direitos aos tratamentos dos que vivem no Norte? Por que entre Norte e Sul existe um abismo tão grande?

Por esta razão nasceu DREAM: dar aos doentes do sul afetados pela aids o mesmo tratamento daqueles do Norte. Também no acordo de Paris de 2005, as Filhas da Caridade se comprometem a construir, nos diferentes lugares onde trabalham, o centro DREAM e um laboratório de biologia molecular. Comprometem-se também a manter seus centros, graças a uma constante busca de fundos. A Comunidade de Sant'Egidio, autor e criador do programa DREAM, compromete-se de acordo com o contrato assinado, a treinar o pessoal médico-social dos centros DREAM das Filhas da Caridade, a realizar uma supervisão mediante visitas periódicas e analisar os dados enviados pelo software (programa). Durante os últimos quatro anos, aproximadamente 150 pessoas, entre pessoal religioso e leigo tem acompanhado os cursos de formação DREAM para toda a África. Hoje, os centros DREAM das Filhas da Caridade já são operacionais: em Choqwe (Moçambique), aberto em 2002 com aproximadamente 5.500 doentes; em Kubwa (Nigéria) aberto em 2006 com cerca de 1.300 doentes; (na Nigéria esperamos abrir outros centros, no futuro); em Nairobi (Quênia), aberto em 2008 com aproximadamente 700 doentes; em Dschang (Camarões), aberto em 2008 com aproximadamente 300 pacientes; em Mbandaka na República Democrática do Congo, aberto em 2009 com 300 doentes. Recordamos que o próximo centro a ser aberto será em 2010 em Masanga, na Tanzânia.

Esta lista indica não só a dimensão da obra realizada conjuntamente, mas também a rápida progressão da colaboração para lutar juntos contra a condenação à morte que a aids representa; porque esta condenação à morte pode ser evitada. As pessoas responsáveis da Igreja são, às vezes, acusadas de ser a causa da indiferença dos ricos do Norte do mundo, em relação à propagação da aids, e por consequência, não é fácil encontrar recursos suficientes e necessários para os tratamentos. Nossos centros DREAM confirmam com atos e não apenas com palavras, que é necessário dar aos africanos o mesmo cuidado gratuito e com a mesma qualidade que aos pacientes do Norte. Em todos os centros das Filhas da Caridade são dispensados tratamentos aos adultos e às crianças bem como uma prevenção da transmissão vertical da mãe ao filho. Em quase todos os centros DREAM das Filhas da Caridade há serviços de maternidade. Além disso, há vários anos, todos os centros estão equipados de um laboratório de biologia molecular, permitindo acompanhar e controlar os cuidados para a terapia de uma maneira mais adequada. Eu gostaria de citar as palavras de uma querida amiga, Irmã Wivine Kisu, pronunciadas em fevereiro de 2009 na inauguração do centro DREAM de Mbandakà no Congo: “Embora muita gente e muitos organismos do mundo manifestem um grande pessimismo em relação ao continente africano com relação ao tratamento dos aidéticos, a Comunidade de Sant'Egidio provou o contrário, demonstrando um grande interesse e criando um excelente protocolo utilizado pelo programa DREAM”.

É uma profecia. Um sinal dos tempos, uma ferida que nos desafiou e estimulou à criatividade do amor e à generosidade da colaboração. A história da colaboração entre as Filhas da Caridade e a Comunidade de Sant'Egidio é, com efeito, o sinal de uma aliança não agressiva com ninguém, não ligada à cultura do inimigo, mas antes profundamente unida com a do amigo: o pobre como amigo. Para retomar as palavras do profeta Sofonias, é a aliança entre os humildes e os pobres. Nós nos tornaremos mais humildes se escutarmos diariamente a Palavra de Deus, se olharmos os sinais dos tempos, vendo neles o caminho que o Senhor nos indica, descobriremos os pobres: então, uma verdadeira aliança nascerá nos humildes, os discípulos de Jesus e os pobres.

Sei que a espiritualidade das Filhas da Caridade, a configuração do Cristo nos pobres, no menor de seus irmãos é fundamental. Para Vicente de Paulo, a leitura desta Palavra de Deus foi particularmente importante: Jesus está nos pobres, seus irmãos mais necessitados. A Comunidade de Sant'Egidio venera e ama o pobre com afeto e solidariedade, reconhecendo nele a presença do Senhor; é o sacramento do pobre como gostava de dizer Olivier Clément. Para nós, Filhas da Caridade e Sant'Egidio, o sacramento do Pobre foi também um sacramento de unidade que nos tornou amigos e colaboradores, irmãos e irmãs.

Assim, a experiência de fraternidade e de solidariedade, em poucos anos, mas vividos intensamente é para nós um sinal de esperança. Os resultados provam isto: Eu os vejo nas crianças nascidas saudáveis, no rosto novamente sereno das mães, das mulheres e dos homens que não são mais condenados à morte, mas que revivem. Isto é também profecia. Sim a profecia que nos permite não resignar-nos ou abaixar os braços diante do impossível. Mas nós devemos rezar, alimentar nossa esperança de fé. Devemos ter visões de esperança porque nada é impossível ao que tem a fé.

Com efeito, embora isto nos pareça impossível ultrapassar o muro grosso da pandemia da aids, descobrimos perto de nós um colaborador ou uma colaboradora que, com sua ajuda, tornou possível o impossível. É a história de Sant'Egidio e das Filhas da Caridade. É a história da troca de dons que tornou possível DREAM. Sim, a profecia é de poder trabalhar juntos, embora sejamos diferentes. Isto não só nos torna felizes, mas nos faz esperar com mais força ainda; fazendo crescer em nós grandes perspectivas de esperança para o mundo e para aqueles que sofrem. Graças ao Senhor, neste mundo de dor os milagres são possíveis. Sim porque neste mundo de resignação, a esperança se torna realidade.

Senhor Mario Giro
*Responsável pelas relações internacionais
da Comunidade Santo Egidio*

Algumas respostas às perguntas feitas ao Mario Giro
após a leitura da conferência
de Andrea Ricardi
(Fundador da Comunidade Santo Egidio)

Notas tomadas durante o intercambio espontâneo com os membros da Assembleia

Partindo da provocação do texto de Andrea Ricardi, eu gostaria de dizer que não é necessário temer; o nosso mundo de hoje é submetido à pressão do medo. Certamente, há uma diferença enorme entre o mundo do ano de 1970 e o nosso mundo atual. Nos anos 70 e até mesmo 80, muitas pessoas acreditavam que se podia mudar o mundo. As soluções propostas eram variadas e comumente ideológicas. O ar do tempo era caracterizado pelo gosto da ação, a fé no homem: acreditava-se poder mudar o mundo. Hoje, é o contrário. Nosso mundo divulga uma mensagem pessimista: as guerras, a

pobreza e a desigualdade sempre marcarão a história dos homens. As grandes organizações internacionais apresentam relatórios pessimistas. Em quase trinta anos, a atmosfera do tempo mudou completamente. O mundo repete: “não é possível, é necessário ser mais realistas e ter menos pretensões e ilusões, continuar empreendendo, mas não de uma maneira decisiva, sabendo bem que os objetivos não serão realizados”. Esta é a mensagem que repercute por todas as sociedades.

Em resposta às suas perguntas, eu direi: “Não se deixem levar por esta falta de esperança”. É preciso não ter medo. Recordemo-nos de Francisco de Assis quando um dia, ele estava preocupado com a situação complicada no seio de seu Instituto religioso, o Senhor Ihe tinha dito: “Homenzinho, pensas que eu teria suscitado esta família se eu não estivesse pronto para cuidar dela?”

Andrea Ricardi diz que é necessário ser espiritual; é verdade. Ser espiritual é ter esta certeza de que o Senhor não pode nos abandonar. Não temos todas as respostas nem receitas mágicas, mas temos a fé, acreditamos que o Senhor vai nos ajudar e que, se isto foi possível em séculos piores que o nosso, será ainda possível hoje.

Empenhando-nos para encontrar soluções, devemos manter a serenidade. E o apelo de Andréa à oração é algo fundamental; isto é, diante de qualquer desafio, é necessário acreditar no poder da oração que não é apenas uma devoção. O poder do Evangelho é real e histórico. Se eu tomo como exemplo a oração pelos doentes, cada mês, as comunidades Santo Egidio dedicam um dia de oração pelos doentes. Assim, na África, estes momentos de orações são bem participativos e estão se tornando um acontecimento com um impacto social: rezar juntos de modo visível, não para aparecer, mas com a preocupação de manifestar a nossa fé, tem um impacto social.

Na oração, há um chamado à ação, o que não é contraditório. A primeira coisa a ser feita é lutar contra todas as formas de cultura de morte (doenças, maus tratos na prisão, etc.) levando uma cultura de vida.

Santo Egidio é reconhecida por sua luta contra a aids (Projeto Dream). Atualmente, o campo de ação da aliança entre a Companhia das Filhas da Caridade e a Comunidade Santo Egidio é o da luta contra a aids em Moçambique. Trabalhando juntos, não fazemos apenas um serviço concreto muito importante, mas nós comunicamos uma cultura diferente: “é possível curar”. A aids leva-nos ao questionamento sobre a origem da doença e de suas conseqüências, bem como sobre a sexualidade. Não basta, pois, tratar, é necessário também educar e agir em favor de uma cultura de vida.

Um outro campo de ação é a visita dos condenados na prisão. A visita é o primeiro gesto de amizade. Ela permite também estar informado sobre as possíveis violações dos direitos e determinar as necessidades mais urgentes dos prisioneiros.

Rezar e dialogar

Às vezes, ouve-se dizer: “Onde estão os resultados da oração pela paz e do diálogo inter-religioso etc.?” Os resultados virão, talvez, eles já estejam aí e nós não somos capazes de vê-los. É preciso muito tempo. Por isso, é necessário rezar pela paz e dialogar com as outras religiões sem esperar resultados imediatos. É muito difícil saber o que se passa no coração dos outros, mas o testemunho é importante. Se nós pensamos, por exemplo, no Padre Charles de Foucauld: ele passou a vida toda no deserto, terá um ou dois co-irmãos e termina morrendo sozinho... assassinado pelos muçulmanos. E só depois de anos que esta sementinha enterrada no deserto dará frutos. À primeira vista, isto parece um fracasso. Será necessário esperar anos para nascerem os “Irmãozinhos de Jesus” e, em seguida, as “Irmãzinhas de Jesus”. Vocês também têm o costume de semear com paciência para colheitas futuras...

A violência no mundo

A violência é também um dos maiores problemas de nosso tempo. Diante da violência, quase sempre ficamos impossibilitados. Temos a possibilidade de criar espaços não violentos onde podemos

mostrar que existe uma outra alternativa. A Igreja, através de sua história, sempre trabalhou para construir a paz. Na Europa, por exemplo, a construção de numerosos mosteiros e abadias, constituiu uma rede que permitiu salvar a cultura da não-violência. Eram espaços de paz. As nossas comunidades de hoje devem ser, também, espaços de paz e fraternidade

Depois de vários anos, a Comunidade Santo Egidio está presente em El Salvador onde está engajada em diversos setores. Ela trabalha, sobretudo, nos bairros mais difíceis, lá onde de maneira triste, as famosas Maras causam estragos, estas gangues de jovens adolescentes que cresceram no mito da violência. Para existir, a violência precisa da convivência das pessoas do lugar. Vivendo com os jovens e suas famílias, conseguimos controlar a violência e as Maras não ousam mais adentrar nos bairros.

Depois de vários anos, a Máfia siciliana está lá por causa da cumplicidade das pessoas. Há uns dez anos, está reduzida porque os sicilianos reagem. Temos que apoiar as pessoas do lugar para que elas ousem expulsá-la. Estas são as ações a serem empreendidas nos bairros a fim de abrir espaços de não-violência e criar, progressivamente, uma rede de não-violência. Assim, em outros países onde reinam a violência (Argélia, Nigéria, Brasil...), podem nascer lugares de resistência à violência e, disto, vocês sabem melhor do que eu!

Criar a cultura da paz

É importante criar relações com as crianças, jovens, adultos, idosos e propor-lhes construir juntos, um mundo mais justo e humano, encorajar a amizade entre as diferentes gerações. Isto se realiza com as pessoas do lugar. Podemos criar redes de não-violência do berço ao túmulo. Não é preciso imaginar coisas grandes, mas trata-se de criar espaços livres da violência. Mesmo pequenos, eles são um sinal de que “é possível”, pois, muitas vezes, temos a tendência de acreditar que a violência é a mais forte, que ela vai nos esmagar. Frequentemente, a cultura da resignação, do pessimismo nos esmaga e devemos combatê-la. As pessoas se resignam frequentemente e se acostumam viver em ambientes muito violentos. O homem é frágil e fecha-se em si mesmo para ser poupado. É preciso criar a cultura da paz, isto é, recusar acostumar-se com a violência. Responder a violência pela violência não resolve o problema. É necessário criar espaços livres de violência. Isto é possível, mas devemos rezar e pedir a ajuda de Deus. Os violentos podem ter um pouco de respeito em relação ao simbolismo religioso e é necessário fazer uso deste meio. A oração coletiva e pública pode também desempenhar um papel muito importante.

A internacionalidade da Igreja católica

O mundo é diverso e variado. A diferença que existe no cotidiano é uma riqueza. Somos diferentes e sempre o seremos. Uma das mensagens da cultura do medo é de querer permanecer com aqueles que se assemelham conosco e rejeitar os que são diferentes. Temos a sorte de ser católicos, isto é, universal e de viver a internacionalidade. A grandeza da Igreja católica está na sua unidade no seio de sua diferença.

Atualmente, o continente africano se fragmenta, mas o que faz sua unidade é a Igreja católica. Como católicos, deveríamos estar bem mais conscientes, porque somos um grande movimento internacional no mundo. Devemos estar mais conscientes da riqueza de nossa unidade na diversidade. A unidade é um dom de Deus a acolher e uma tarefa realizar.

Senhor Mario Giro
*Responsável pelas relações internacionais
da Comunidade Santo Egidio*

FOTOS DAS IRMÃS

SENHORA MARINA COSTA, AIC

Exigência da missão:
A colaboração na Família Vicentina

As “Caridades” e as Filhas da Caridade:
Dois carismas a serviço de um único objetivo

Casa Mãe, 27 de maio de 2009

Pela fundação da primeira Caridade em Châtillon-les-Dombes, São Vicente consegue tornar concreta a intuição extraordinária que tinha tido ao conhecer a situação de miséria de uma família de sua paróquia: a intuição que para servir Deus é necessário servir corporal e espiritualmente nosso próximo que vive na pobreza e que este serviço deve ser eficaz e, portanto concreto, acessível a todos e organizado.

Este projeto se estendeu rapidamente a outras Províncias francesas e a outros países. Vários grupos de “Caridades” foram fundados e, São Vicente querendo que houvesse um contato entre eles e para manter vivo o espírito da origem, confiou a animação e a formação destas à Luísa de Marillac que se engajou com grande entusiasmo e dedicação pessoal nesta tarefa.

Durante suas visitas às “Caridades” Luísa dava uma formação espiritual, cuidava da fidelidade ao carisma e ao projeto de São Vicente, convidava a refletir sobre a situação dos pobres e, ao mesmo tempo, ela garantia o respeito dos Estatutos, a eficácia da organização, a transparência das contas, e promovia a comunhão dentro e fora das equipes.

Brevemente, face à quantidade de pobres que não cessam de se apresentar, São Vicente e Santa Luísa percebiam que o serviço realizado pelas voluntárias das “Caridades” não eram suficientes e surge a ideia de unir jovens dispostas a consagrar toda sua vida aos pobres. Eles fundaram as Filhas da Caridade que deviam caminhar ao lado das Senhoras dedicando-se totalmente a Deus no serviço dos pobres.

A colaboração entre as Senhoras das “Caridades”, hoje as Voluntárias da AIC – Associação Internacional das Caridades fundadas por São Vicente de Paulo – e as Filhas da Caridade, foi, pois, previsto desde o início. Santa Luísa dizia: “*As senhoras e as Irmãs viverão sempre em verdadeira união*” e a finalidade desta união que se realiza na diferença das vocações e na complementaridade das tarefas, é para que o serviço dos pobres seja sempre melhor realizado.

São Vicente tinha percebido bem a multidimensionalidade e a amplitude das pobres, e deu uma resposta pluralista: colocou todos os recursos possíveis ao serviço dos mais pobres, dos homens e das mulheres, dos religiosos e dos leigos, dos ricos e dos menos ricos. É nesta pluralidade que se manifesta a riqueza do projeto de São Vicente que continuou a se estender até hoje através dos diferentes ramos da Família Vicentina e um grande número de instituições fundadas em sua espiritualidade.

Como disse uma vez o Padre Maloney, a Família Vicentina é um “exército” que é chamado a se unir e a colaborar para continuar a missão do serviço dos pobres nestes tempos difíceis, nesta situação de crise global, econômica, cultural e moral que representa um grande desafio e nos questiona profundamente sobre o modelo de desenvolvimento dominante. É um grande desafio, mas São Vicente

dizia que é necessário estar sempre preparado a todo tipo de acontecimento, para sermos capazes de tirar vantagens destes para os pobres.

Desde sua fundação as Voluntárias leigas e as Filhas da Caridade tiveram um objetivo comum: servir os pobres corporal e espiritualmente, vendo neles o Cristo, e servi-los de um modo organizado e eficaz.

Mas o carisma dos leigos vicentinos e das Filhas da Caridade não é o mesmo, cada ramo tem suas características particulares. Como escreve São Paulo: “*a manifestação do espírito é dada a cada um em vista do bem comum*” (1 Cor.12, 7). Cada batizado é chamado pelo Espírito a uma tarefa que lhe é específica: sua vocação é única e pessoal. Cabe à pessoa compreendê-la e segui-la fielmente.

A vocação das Filhas da Caridade as chama a servir Cristo nos pobres consagrando toda sua vida a Deus. E eu não acrescento nada a mais, todas conhecem bem seu carisma e o tema desta Assembleia geral: **Profecia e esperança** ressalta o dinamismo e a atualidade desta vocação.

Os leigos são igualmente chamados a participar da missão profética de Cristo. O Concílio Vaticano II destacou que a função sacerdotal, profética e real de Cristo continua hoje na Igreja e que, portanto, todos os batizados participam desta tríplice missão.

A Exortação Apostólica *Christi fideles laici* reitera o ensinamento do Concílio: a Igreja tem uma dimensão secular porque vive no mundo e se interessa à renovação da ordem temporal. Todos são chamados a participar desta dimensão secular, mas para os leigos é o lugar próprio para viver sua vocação. *Christi fideles laici* afirma que “*Unidos a Cristo, o grande profeta, e constituídos no Espírito testemunhas de Cristo Ressuscitado, os fiéis leigos são chamados a fazer brilhar a novidade e a força do Evangelho na sua vida quotidiana, familiar e social*” (CFL, 15).

São Vicente acreditava nos leigos, tinha neles uma grande confiança, e exigia que respondessem com generosidade e compromisso à vocação de serviço dos pobres. Ele demonstrou sua fé no laicato fundando diversas Associações e delegando aos leigos as responsabilidades de direção, (cf. *Regras das Caridades de Mulheres em Châtillon-les-Dombes, Nov-Dez, 1617. V. 575-577.*) Ele foi também um homem atento e bem disposto a receber a contribuição dos leigos, e ao longo dos anos sua visão e seus projetos se enriquecem pela influência devido à maneira como as mulheres que ele animava, viviam sua fé e seu serviço.

As primeiras confrarias da Caridade foram experiências criativas no campo do ministério dos leigos, Vicente confiou a elas um ministério útil e cheio de significado, soube compreender a importância do serviço prestado por homens e mulheres do laicato como uma oportunidade de ir aos pobres de uma nova maneira. Ele foi além dos limites esperados e criou algo novo e entusiasmante.

Portanto, todos e todas participamos da missão profética de Cristo, na diferente especificidade de nossos carismas e é nesta pluralidade que se manifesta a riqueza do projeto de São Vicente.

Desta colaboração no seio da Família Vicentina pode e deve emergir uma interação eficaz, se fazemos esforço de agir em comunhão, reconhecendo os carismas respectivos, a função e as estruturas de cada um. Para trabalhar juntos, é necessário que cada membro seja capaz de detectar as raízes da identidade comum e, ao mesmo tempo, saiba respeitar e amar as especificidades dos outros ramos, as diferenças vocacionais, as tarefas de cada um. É este amor e respeito mútuo que dão amplitude e riqueza à missão. Utilizei de propósito as palavras “se fazemos esforço” porque acredito que esta colaboração, esta interação não se cria sozinha, é necessário construí-la, cuidá-la com vontade, compromisso pessoal, oração, fidelidade aos fundadores, é necessário acreditar nisto!

Em relação a **colaboração concreta**, na realidade, antes de tudo desejo expressar todo o reconhecimento da AIC, a todas as Filhas da Caridade, pela colaboração que já existe e que sempre ofereceram às voluntárias. Há vários exemplos de sinergia preciosa e positiva que mostram que o

serviço aos pobres é bem mais eficiente que chegamos a unir nossas energias para realizar projetos em vários níveis: nível da formação, da espiritualidade, da ação concreta.

Nossa experiência mostra que num país onde não há Filhas da Caridade ou Padres da Missão, a motivação das Voluntárias e sua vida espiritual se enfraquecem e a Associação não se mantém. Na sociedade atual, o voluntariado não é fácil e sem uma motivação espiritual forte não se pode enfrentar as dificuldades que se apresentam e é forte a tentação de abandonar. Grande foi a sabedoria de São Vicente de criar os diferentes ramos!

Para ir mais a fundo nesta colaboração, gostaria de partilhar com as Irmãs meus sonhos, pode ser utopia, mas quem me conhece sabe que quando eu falo de utopia, eu penso numa utopia que é projeto: sabemos que a realização desta utopia está longe, mas sabemos também que, cada dia, podemos dar um pequeno passo que nos aproxima de sua realização.

1 - Um primeiro sonho de colaboração entre as Associações leigas e as Filhas da Caridade é de reforçar a colaboração para a evangelização

A Evangelização é um dos grandes desafios que se apresentam no momento atual, mas percebi que para as voluntárias leigas é um ponto difícil de realizar. Frequentemente as voluntárias expressam suas dificuldades em transmitir a Boa Nova num mundo secularizado que não está interessado na dimensão espiritual. Elas são conscientes que a evangelização é uma parte fundamental de sua missão vicentina; elas levantam o problema, desejariam ser capazes de realizar uma ação evangelizadora, mas percebem que as abordagens tradicionais não são mais válidas e elas terminam não sabendo o que fazer.

Sabemos bem que para São Vicente o serviço espiritual e o serviço corporal não são dois fins separados, mas elementos diversos e complementares de um processo de evangelização integral. Ele nos ensina que nossa evangelização será animada se nós proclamarmos a Boa Nova através de meios diferentes:

- através da realização de obras concretas de justiça e misericórdia que têm o objetivo de liberar as pessoas das injustiças e da marginalização. O serviço aos pobres é a Boa Nova em ação, é a Boa Nova que responde às notícias ruins vividas diariamente pelos pobres.

- através da palavra, o anúncio da presença do Senhor, de seu amor, de seu perdão, o que significa proclamar a dignidade de todas as pessoas, defender seus direitos humanos e denunciar as injustiças.

- através de uma linguagem de relação: estando perto dos pobres, trabalhando e partilhando com eles, tentando formar uma comunidade nós proclamamos que o Reino de Deus está vivo e presente entre nós.

O desafio é pôr em prática estes ensinamentos. Penso que uma verdadeira ajuda poderia vir de um compromisso comum de todos os ramos nesta missão evangelizadora, aprofundando a função específica de cada um, sem permitir aos leigos desanimarem e delegar aos religiosos a parte espiritual, porém juntos buscar tornar vivo o Evangelho ao nosso redor.

Aqui há talvez Conselheiras dos ramos leigos, Irmãs que trabalham em projetos com as Voluntárias, responsáveis pela animação da Família Vicentina e estou certa de que elas estão bem conscientes dos problemas de evangelização. Talvez em alguns países pudéssemos reforçar a colaboração levando em conta as dificuldades dos leigos. A celebração do 350º aniversário poderia ser uma boa oportunidade para lançar algumas iniciativas neste sentido.

2 - Um segundo sonho: estar vigilante para que no serviço aos pobres e na vida da equipe a organização não sufoque a profecia.

Na vida das Associações leigas vicentinas várias dimensões devem estar presentes:

- **A dimensão da organização:** o serviço dos pobres exige pessoal, recursos e uma continuidade. São Vicente disse bem que “os pobres sofrem mais pela falta de organização do que pela falta de pessoas caridosas” e ele mesmo foi um grande mestre em organização. Vicente planejava toda ação, ajuda ou socorro antes de começá-los; o regulamento da primeira fundação já contém em germe tudo o que caracterizará sua ação caritativa e social. Mas, ao mesmo tempo, ele foi um grande profeta da caridade.

- **A dimensão da profecia:** a missão dos profetas no Antigo Testamento e hoje, tem uma dimensão eminentemente religiosa, porque o Senhor é a origem, o centro e a finalidade da missão profética: é ele quem chama e envia, é sua mensagem que deve ser anunciada, sua vinda que deve ser preparada. Mas a missão dos profetas tem também uma dimensão social: o anúncio da Boa Nova, o compromisso de libertar os oprimidos, defender os fracos e promover a justiça. Para os batizados esta ação social adquire, além do valor humano, um valor profético e, portanto, profundamente religioso, porque é o Espírito que lhes confia a missão de renovar o mundo, defender a dignidade humana, promover a justiça, a liberdade, a solidariedade e a paz.

Segundo São Vicente “*podemos dizer que evangelizar os pobres não se entende somente por ensinar os mistérios necessários à salvação, mas fazer as coisas preditas e figuradas pelos profetas e tornar efetivo o Evangelho*” (SV XII, 84).

Nas equipes de voluntárias é muito importante levar em conta estas duas dimensões que representam dois momentos diferentes e complementares de nossa missão, mas nós sabemos bem que não é fácil.

Estar vigilante para que na missão dos leigos a organização não sufoque a profecia é outro ponto muito importante onde deveria manifestar-se a colaboração e o apoio das Filhas da Caridade e especialmente daquelas que trabalham com equipes da Família Vicentina.

As equipes precisam ser ajudadas a fazer uma releitura evangélica de suas ações e projetos no momento da programação e da avaliação. É necessário ajudá-las a verificar se sua ação é realmente um anúncio de Cristo no seio da comunidade, uma busca de justiça, um testemunho de atenção aos mais pobres e marginalizados.

É importante ajudar as voluntárias a recobrar na oração o dinamismo vicentino pelo qual a oração emerge da ação e leva à ação. É importante que as equipes aprendam a rezar desta maneira, ligada aos acontecimentos concretos, às necessidades dos pobres, e a invocar o Espírito em toda decisão, dificuldade, desafio.

Eu sei que não é fácil, mas sei que uma Conselheira capaz de dar esta motivação é um verdadeiro dom de Deus para as voluntárias e para os pobres.

3 - Um terceiro ponto importante que eu sugiro para a colaboração é apoiar as equipes a estarem conscientes de sua pertença à Igreja e do fato de que elas devem manifestá-la sendo missionárias.

Nas Assembleias gerais do Conselho Pontifício *Cor Unum* (o órgão da Santa Sé responsável pela orientação e a coordenação das atividades e das organizações de Caridade), em 2008 e 2009, os trabalhos são centrados na parte da Encíclica “*Deus Caritas est*” referente a dimensão espiritual da ação caritativa e particularmente a formação dos leigos que colaboram neste serviço indispensável na Igreja e que são os atores da *diaconia da caridade*, a diaconia sendo o serviço da caridade exercido comunitariamente e de modo ordenado. (*Deus Caritas est*, 21, 23).

Em seu discurso o Santo Padre sublinhou aos responsáveis pela pastoral da caridade a importância de dedicar uma atenção constante àqueles que trabalham no domínio da diaconia, e na qualidade humana e espiritual destas pessoas porque o trabalho social deve ser, ao mesmo tempo,

trabalho missionário e profético na Igreja. A ação caritativa é conduzida em nome do Evangelho, assim, tanto para a pessoa acolhida como para a pessoa acolhedora, o ato de caridade é uma experiência espiritual.

Se “Populorum progressio” comprometia os cristãos a agir, *Deus Caritas est* incentiva-os a voltar à fonte de seu compromisso: é a fé vivida e aprofundada que alimenta a ação de caridade.

O projeto de São Vicente não visa somente uma pastoral eficaz; a equipe não é senão uma reunião de forças em torno de um projeto comum, ela é uma comunidade de fé, de partilha, de amizade. E para os voluntários e os destinatários, o exercício da Caridade deve ser uma escola de fé, no espírito de São Vicente.

Eu acredito que esclarecer o lugar da diaconia da caridade é também importante para a colaboração entre as associações leigas e os ramos religiosos da Família vicentina.

4 - Uma formação para amadurecer numa experiência comum de fé

A formação das voluntárias é uma prioridade da AIC que se engaja fortemente para uma formação destinada a reforçar os valores espirituais e vicentinos e a desenvolver as capacidades pessoais das voluntárias a fim de que elas possam se tornar testemunhas capazes de transformar suas comunidades.

De nossa parte, um ponto forte que nós podemos oferecer para a colaboração é a **formação das voluntárias**. A missão da AIC internacional implica a formação ao espírito vicentino, à consciência de pertença à Família Vicentina, e uma formação integral e contínua para o serviço dos pobres.

A AIC propõe Reflexões espirituais que nos últimos anos estavam ligadas às diferentes etapas da vida de São Vicente e às orientações que dava às “Caridades” de seu tempo, para daí dar origem as linhas a seguir à AIC de hoje.

Do ponto de vista técnico a AIC dá uma formação através de uma relação de ajuda baseada na autopromoção e a autorização, trabalhar sob forma de projeto, trabalhar em rede, na mudança sistêmica e dá uma grande importância ao vínculo entre a ação individual e a ação social, em todos os níveis, do internacional, onde a AIC assegura uma presença ativa junto aos organismos internacionais, até o nível local para sensibilizar as instituições aos problemas da pobreza e fazer pressão contra as injustiças.

A AIC utiliza vários meios de formação: seminários, visitas aos países, publicação de Cadernos de formação temáticos e de Reflexões espirituais, é um esforço permanente, diretamente ligado à promoção integral das voluntárias.

Mas o que a AIC internacional não pode fazer é dar um acompanhamento cotidiano: ela confia isto às presidentes nacionais e locais, mas todas nós sabemos que algumas vezes a cadeia de transmissão se interrompe e não funciona. É uma questão de pessoa. Nada se compara ao acompanhamento pessoal e o seguimento do grupo que pode ser desenvolvido por uma Filha da Caridade que vive no local, que pode participar das reuniões da equipe, que conhece a realidade: a colaboração das Conselheiras e Conselheiros das equipes é de um valor inestimável.

A missão deles não consiste somente em propor uma reflexão espiritual no momento das reuniões das equipes, contribuição muito importante e necessária, mas o objetivo da formação, a verdadeira colaboração que a AIC pede aos conselheiros vai além.

Trata-se de incentivar e animar os voluntários

- a crescer numa experiência comum de fé que se fundamenta em bases sólidas do projeto e da espiritualidade de São Vicente.

- a amadurecer na consciência de sua missão de serviço e de evangelização.

- a ser uma presença profética na comunidade eclesial, capaz de despertar as consciências e de alertar as comunidades a respeito das pobrezaas.

Todas sabem que o voluntariado hoje está diminuindo. A crise atual do voluntariado não é vivida somente nos países ocidentais; vários países nos falam desta redução como, por exemplo, as Filipinas, o México, o Brasil.

Por outro lado até o ano passado na maioria dos países em desenvolvimento a tendência era o aumento das voluntárias, mas começa-se a perceber que a crise mundial exige que cada vez mais as mulheres trabalhem para que suas famílias sobrevivam, e algumas vezes elas não podem mais permitir-se fazer voluntariado.

Esta situação exige que o compromisso das voluntárias seja contínuo por um incentivo espiritual forte e por uma formação permanente. Somente se elas estiverem conscientes e convictas de que seu voluntariado vicentino é resposta a uma vocação, a um apelo de Deus é que as voluntárias continuarão engajando-se no serviço dos pobres e assim, os ramos leigos da Família Vicentina terão uma continuidade.

Concluindo, meu sonho é o de uma colaboração que ajude as voluntárias a dar um salto de qualidade na dimensão espiritual e vocacional: somente por este caminho elas conseguirão dar um testemunho profético e serão capazes de trabalhar para transformar as situações de pobreza e suscitar novas vocações para a continuidade de sua missão.

A espiritualidade de São Vicente nos mostra que chegamos à santidade descobrindo a presença de Cristo na experiência do serviço aos pobres vivido com caridade, humildade e simplicidade. Esta espiritualidade vicentina é o dom mais rico que as Irmãs podem partilhar com o laicato vicentino.

O projeto de São Vicente se realiza plenamente na colaboração e alcança seu apogeu quando há uma permuta construtiva. Cada um tem muito a dar e muito a receber, pondo em comum seu carisma pessoal e vocacional. É desta troca de dons que resulta um serviço melhor aos “nossos Senhores e Mestres” os pobres.

São Vicente mesmo nos diz: *“Devemos ajudar-nos mutuamente, apoiando-nos uns aos outros e buscando a paz e a união; porque este é o vinho que alegra e reforça os viajantes neste estreito caminho de Jesus Cristo. É o que eu recomendo com todo o amor de meu coração”* (COSTE IV, 254).

Senhora Marina COSTA
Ex-presidente da AIC

IRMÃO THIERY-MARIE COURAU, OP

Exigências da missão

O diálogo inter-religioso

Casa Mãe, 27 de maio 2009

“A escuta cria o diálogo”

Diálogo e escuta são duas palavras muito empregadas no nosso mundo contemporâneo, em todos os âmbitos, quer seja no psicológico, político, eclesiástico, espiritual, econômico ou sindical, etc... Falamos deles frequentemente para expressar uma necessidade ou para constatar um grande fracasso.

“Não conseguimos dialogar”; “Esta pessoa não escuta”; “Não somos escutados”. Fracasso do diálogo, fracasso da escuta. Em nossas próprias comunidades religiosas se ouve este vocabulário e se experimentam estes sentimentos.

Com estas expressões tão corriqueiras, fala-se de um verdadeiro sofrimento, designam uma das questões fundamentais de nossa condição humana, uma das expectativas mais viscerais. Elas visam, sem imaginá-lo, a questão da finalidade humana, do sentido da existência. Por isso, pertencem à todas as nossas realidades humanas e à experiência bíblica. O binômio *diálogo e escuta* se apresenta como uma expressão possível do núcleo mesmo da revelação recebida no cristianismo. Por isso, diálogo e escuta, orientam nosso estar no mundo conosco mesmos e com os outros. O encontro com o outro na sua diferença cultural e religiosa se apresenta como emblemática da questão do diálogo, por causa das implicações que parece suscitar em relação à identidade cristã. Mas, de fato, não difere em seus fundamentos, de qualquer outra situação relacional. Devido a minha responsabilidade e a minha experiência, será a situação relacional que estará como pano de fundo de minha conferência.

Para ajudar-nos a ver com clareza, proponho-lhes, por contraste, começar designando o que se entende por diálogo e o que não pode sê-lo: o que eu chamarei de imitações ou falsificações do diálogo.

Depois tentaremos, rapidamente, ir à fonte, mergulharemos na tradição bíblica e teológica para ver como a dimensão do diálogo e da escuta, estrutura essa tradição.

E concluiremos falando sobre o dever do humano quando ele procura corresponder com aquilo que é seu fundamento e o dirige a um fim.

As falsificações do diálogo ou os impasses ordinários

Falar de diálogo é, freqüentemente, não saber do que falamos. Diálogo é um termo muito genérico utilizado constantemente para designar toda reunião e tempo passado juntos, conversa e debate entre várias pessoas. Mas, certamente, todas essas reuniões, pequenas ou grandes, podem ser designadas com este termo de diálogo, desde as de conteúdo vago até as de conteúdo teológico concreto. Antes de poder dizer em que consiste o diálogo, é importante delimitar o campo no qual ele opera, e para isso, assinalar alguns impasses sem saída nos quais nos perdemos. São eles que podem nos fazer dizer que o diálogo é impossível. As falsificações do diálogo pertencem a dois âmbitos. Por uma parte, o da busca da utilidade e, por outra, o da resposta a uma necessidade. O primeiro impasse visa a dominação. O segundo persegue um menor denominador comum.

A busca da utilidade ou a tentação da destruição.

No campo do diálogo inter-religioso, as áreas favoritas concernem ao intercâmbio teórico e doutrinal, e mesmo teológico e ético, e a partilha de experiências espirituais. Os objetos possíveis colocados em debate são numerosos: discurso teológico, ritual, figuras transcendentais, textos, práticas “espirituais”, atitudes morais, questões de morte e de saúde, guerra, justiça e paz, etc. Frequentemente, nesta postura, o diálogo é visto como algo que deve levar a encontrar os pontos de acordo ou de divergência, a emitir julgamentos ou categorizações a partir daquilo que cada um é. E cada um parte com uma ideia do outro sobre a questão. O outro o colocamos uma etiqueta, uma etiqueta já preparada em função da ideia do lugar onde o diálogo deve conduzir. Se ele não conduz a lugar nenhum, aparece então a frustração como o sinal de que o diálogo não aconteceu. Uma atitude assim mostra que se trata de uma falsificação de diálogo que se faz passar por autêntico, numa tentativa de dominar o outro! Diversas atitudes de domínio são possíveis entre elas: a conquista, a absorção, a confusão e a negação.

A primeira aparece quando a comparação se torna objeto do diálogo. A finalidade buscada neste tipo de reunião é mostrar a superioridade de uma tradição sobre a outra. O diálogo é visto como um instrumento proselitista que não se manifesta como tal. De ambas as partes, ele é lugar de luta, algumas vezes sutil, onde se expõe a prova da fraqueza da doutrina ou da atitude do outro. Este não é lugar de diálogo, mas de *conquista*.

Outra atitude privilegia a descoberta, incluindo a imersão na espiritualidade do outro em vista de poder enriquecer-se, apropriar-se de alguma coisa. O desejo do novo é tão forte, que a tradição deste pode ser vista como um morteiro que serve para manter a própria, considerada como inadaptada ao mundo contemporâneo ou para introduzir-se no mundo do outro a fim de agarrar-se a ele como a uma bóia. Este não é o lugar do diálogo mais da *absorção*, da utilização.

Uma terceira atitude, sempre numa reunião inter-religiosa, procura na conversação “mostrar a uniformidade das descrições de Deus, mostrar que somos todos iguais, que todos caminhamos na mesma direção, mas de maneiras diferentes”. Este não é o lugar do diálogo, mas o da *confusão*.

Uma outra postura é a da afirmação que prevalece sobre o desejo de compreender ou de conhecer o outro. Sob uma capa de diálogo, ela procura demonstrar o que ele é e não quer falar do outro. Para melhor rejeitá-lo ou utilizá-lo, atribuem-lhe virtudes ou horrores, de ontem ou de hoje, daqui ou de outra parte. Este não é o lugar do diálogo, mas o da *negação* da realidade de hoje do outro.

A satisfação da necessidade ou a tentação da construção

O segundo impasse refere-se à resposta dada às necessidades, utilizando “estratégias” de diálogo. É uma resposta astuciosa à dificuldade de viver num mundo pluralista, mas continuam sendo uma construção artificial, baseada no menor denominador comum.

A afirmação usual diz que o diálogo começa pela “vida partilhada e pela ação comum”. O interesse, bem compreendido, consiste em chegar a conviver juntos, e de preferência, a respeitar-se. O processo para então, na satisfação de alguns *interesses particulares*.

Mas, além dos interesses particulares, existe evidentemente, a urgência de dedicar-se na construção da paz, da concórdia, da partilha de riquezas, da solidariedade. Este é um dos motores das assembleias internacionais contemporâneas em todos os níveis, políticos, econômicos, sociais e religiosos. Quem poderia contestar essa tarefa essencial diante da humanidade em perigo, esta urgência de não opor as culturas e as civilizações, mas reuni-las em torno de uma mesa comum? No entanto, trata-se de um diálogo ou somente de um *interesse geral* bem compreendido?

Compreendemos que em numerosas situações que pretendem ser uma tentativa de diálogo, ninguém procura conhecer o outro, escutá-lo e falar com ele, mas cada um tenta dominá-lo, fazer-se compreender e ser escutado. É um empilhamento ou uma justaposição de monólogos que tentam fazer acreditar no diálogo, mas na realidade perseguem outros objetivos. Como chegar ao verdadeiro diálogo?

Os fundamentos teológicos do diálogo

A tentativa de dialogar se desvia num certo número de impasses, porque não sabemos em que consiste, o que pretende e onde se fundamenta. Tomar a palavra diante de outro é uma das tarefas principais do homem. É uma das mais difíceis, porque este ato só é autêntico se traz consigo um compromisso face às coisas e às pessoas. Não há palavra possível diante destas sem começar por escutá-las e por deixá-las que se dêem a conhecer. É neste nível que se pode falar de diálogo. Se, ao contrário, a postura adotada é a de ouvir-se falar, então trata-se apenas de um falso diálogo por parte da pessoa que fala.

O diálogo é o fim

A experiência do diálogo encontra na Bíblia seu paradigma, seu modelo, e a teologia que vê nele um traço característico da vida divina. Mais ainda, o diálogo fundamenta ontologicamente o humano. Ele é seu caminho de entrada à condição humana.

Numa perspectiva cristã, compreender o homem nos faz entrar na compreensão do desígnio de Deus sobre ele. Deus quer que o homem participe de sua vida e esteja associado a ela, aos seus próprios bens, a imagem das relações trinitárias. Esta comunhão de vida em Deus é relação de palavra e de amor. É por isso que Deus não cessa de procurar entrar em relação com os homens, de pessoa a

pessoa. Deus não cessa de dar sua palavra, de enviá-la à humanidade, para dirigir-se a ela, para interpelá-la. O ser humano é chamado, convidado, estimulado a entrar nesta experiência e vivê-la numa relação dialógica, onde cada uma das partes da relação é convocada a entregar-se sem reservas. A experiência do diálogo é de fato uma aventura, sem dúvida a única verdadeira aventura humana. Outro termo para designar o amor de amizade, ela marca com seu sêlo a finalidade de toda a vida humana.

Esta perspectiva, de tornar-se homem da palavra e do amor, permanece distante, difícil de realizar. Toda a Bíblia é um relato desta dificuldade: a história de um diálogo de Deus com o homem que tem dificuldade em colocar-se como parte deste último. Desde Gênesis 3,9, o homem, escutando o que ele quer saber sobre o que pode pegar, e o tendo devorado, começa a destruir-se, escondendo-se e recusando-se a dirigir a palavra a Deus. O pecado original abre um vasto período onde nós poderíamos dizer que aprender a dialogar torna-se uma tarefa difícil. Dialogar, desde então, não se experimenta como algo inerente, mas como uma tarefa a realizar.

Depois de Noé que escuta Deus e salva assim a criação animada da destruição, Abraão introduz a história humana na aprendizagem de um falar com Deus. Ele torna-se parceiro do diálogo aberto e oferecido por Deus. Porque se Deus escuta o homem desde a origem, o homem não escuta Deus nem seus irmãos na humanidade. A rota do humano está então, traçada por Deus mesmo: aprender a escutar, e depois dessa escuta ousar uma palavra livre. É aprendizagem do diálogo do ser humano com Deus e com os homens.

Poderíamos retomar um a um os textos da Bíblia para descobrir como, pouco a pouco, esta aprendizagem do diálogo se faz. Começado no Gênesis, vivido nos acontecimentos do Êxodo, o diálogo toma forma no Sinai, onde o chamado e a resposta colocados em prática pelos locutores são inscritos em termos de aliança, de promessa, de Lei. Pouco a pouco, ele se enraíza sob a ação dos profetas. Ele se desenvolve nos salmos e os escritos da sabedoria o promovem. Ele assim se estabelece ao longo e pela história do gesto divino com seu povo, que pouco a pouco se deixa tocar pela Palavra e descobre que seu Deus é sempre mais um Outro estando sempre mais próximo. No reconhecimento desta alteridade definitiva se estabelece a promessa de comunhão.

O Cristo, forma realizada do diálogo

Com o Cristo, o quadro do diálogo resplandece. Em Jesus Cristo, o homem escuta Deus e Ele se comunica com o homem como o é, já que é acolhido na sua totalidade. A reciprocidade tão esperada do amor e da palavra se realiza. Seu fruto é poder acolher neste diálogo humano-divino o grupo dos seres humanos e fazê-los dialogar juntos. A vida das três pessoas é por excelência o lugar onde pode se desenvolver o diálogo entre os humanos e, claro, o diálogo do homem com Deus.

O homem se compreende assim no cristianismo, como criado por e para o diálogo. O que não é nem dado, nem inato, nem uma aquisição definitiva, mas um sofrimento que faz entrar na Vida. Ele é um caminho que o conduz ao seu fim: o diálogo realizado. [Aberto à palavra pelo grito, chamado por Deus pelo nome, colocado a caminho pela acolhida de uma palavra de promessa, entrou pela revolta no uso de sua palavra e pela passagem ao “tu” ao confronto, transformado pelo encontro regular, desafiador e perturbador com Deus, depois, enfim, tomado num diálogo permanente com Ele, o homem é conduzido a tomar posse desta terra prometida que é a vida divina, o Reino de Deus. Ela é a brincadeira de três pessoas, onde o Amor se entende como este movimento e que abrindo-se a outra pessoa tudo se dá e se recebe numa única troca].

O humano é introduzido no mistério da Vida, vida de Deus e vida como homem, pelo próprio Deus. Ele torna-se homem tornando-se um humano consagrado ao diálogo.

A tarefa: a aprendizagem da escuta

O caminho de entrada na humanidade se afirma como o diálogo. É nele que se faz o exercício da verdade e aquele da confiança na ausência de medo, da morte de si mesmo e da entrega ao outro.

A escuta cria o diálogo

As falsificações nos mostraram que somente colocar em prática o debate visando obter resultados conduz a um diálogo impossível. Nenhum resultado, somente fracassos. A única atitude possível para evitar o fracasso seria o calar-se. Mas não seria de novo, a impossibilidade do diálogo? Afirmar que calar-se torna o diálogo impossível, é enganar-se mais uma vez sobre o que é o diálogo. Ele não é uma conversa entre duas ou mais pessoas. A realidade que ele recupera é outra. Trata-se de ser carregados juntos pela palavra, de ser projetados através e com ela em direção à verdade do que nos fundamenta e nos conduz a tornar-se o que cada um é. Esta palavra não saberia vir de um outro lugar diferente do silêncio, da escuta do outro que aceita se dar ao invés de receber, do recolhimento.

O diálogo começa não quando o que quer entrar em diálogo convoca o outro para um objeto preciso sobre o qual debater, mas quando ele vem partilhar o tempo do outro, quando ele decide vir à casa do outro, procura compreendê-lo no seu ambiente e no seu contexto. Pouco importa recusar ou não.

O diálogo é estabelecido por este gesto, que subsiste seja como aspiração, seja como comprometimento continuado, paciência, tenacidade, daquele que se coloca aos pés do outro para escutá-lo e recebê-lo, daquele que serve sem buscar servir-se, daquele que aceita que o outro fuja da proposta do encontro, daquele que não procura conquistar ou tomar a palavra do outro, mas deixa-se atravessar por ela bem simplesmente.

O diálogo é amizade

Num encontro compreendido desta maneira, o diálogo é escolhido como maneira de conhecer, de amar o outro na sua diferença. Longe de querer primeiro comparar ideias, a história e os elementos que fundamentam a vida e as atitudes do outro, cada parceiro percebe e reconhece a dificuldade de entrar no mundo do outro, de sua cultura, de sua história, de suas tradições. Em primeiro lugar, ele se mantém no respeito de aceitar não saber, não compreender, nem apreender. Tendo aprendido pouco a pouco a deixar-se acolher pelo mundo do outro, o homem de diálogo pode ir com ele até o ponto em que possa falar dele aos outros na sua presença sem feri-lo, onde ele pode expor suas doutrinas, acompanhá-lo no seu próprio caminho crítico e construtivo para o seu próprio bem. É assim que aquele que se dá a conhecer, se descobre acolhido, tal como é, se descobre amado e não uma presa a ser capturada. Neste caminho e, com o tempo, os parceiros do diálogo aprendem a se conhecer. É por isso que o diálogo conduz à amizade na vulnerabilidade.

A amizade não significa igualdade. A reciprocidade na qualidade de recepção ou emissão da palavra, não está no princípio da realização do diálogo. Esta igualdade é uma ilusão. Não há diálogo efetivo a não ser que um dos múltiplos parceiros do diálogo se coloque na postura de escuta e de compreensão, pois, a palavra o atravessa. Esta escuta é o gesto que manifesta o querer caminhar junto, na busca da verdade que fundamenta o alicerce comum dos parceiros, da verdade antropológica, que faz dos humanos homens e sustenta toda atitude religiosa ou simplesmente humana. Esta verdade antropológica não é acessível a não ser através das culturas e das personalidades. Ela não é um dado espontâneo e transmitido numa língua universal. E atingir isso pouco a pouco requer tempo, paciência e vulnerabilidade. É por isso que o diálogo necessita aliar inteligência e amizade, razão e confiança.

A transformação dos corações, fruto do diálogo

A vulnerabilidade está no coração do diálogo. Ela se inscreve numa dupla atitude de escuta, e de ousar uma palavra diante do outro, tão diferente. De escutar e não ser entendido. Arriscar a palavra e aceitar que esta não seja recebida, compreendida. O diálogo é morrer a si mesmo e a seus medos. Aquele que se doa ao diálogo se enraíza no silêncio, na acolhida do outro, na recusa de ter que dar uma

resposta à palavra do outro. Ele aceita permanecer em suspenso, de não controlar as situações, de não procurar ele próprio salvar o diálogo de seus próprios impasses. É por isso que ser atravessado pela palavra conduz ao enfraquecimento do amor próprio, a renúncia das tentativas de destruição e de construção. Ele participa da transformação do coração, dos corações. Ele desenvolve sua base, suas esperas e suas ambições, seus medos e suas resistências, sua abertura e sua capacidade de acolhida. Este desvelamento é uma oportunidade, é um caminho de purificação necessária, de passagem do bosque a clareira, da barreira ao espaço aberto.

O diálogo é a missão

Um tal diálogo não parece renunciar a responsabilidade missionária da Igreja?

A transformação dos corações é a missão em ato. Se aquele que se entrega ao outro o faz sem medo, sem inquietude, sem objetivo de captação, de julgamento ou de categorização, então, é de maneira inesperada, o exercício mesmo do testemunho, da missão que se opera, porque é nesta atitude de abertura e de entrega àquele que vem a si mesmo que se diz o Cristo e seu Deus, que se diz sua palavra e sua vida. Se é justo que uma palavra explícita possa ser dada, porque é exigida, por e para aquele que se descobre recebido e libertado por esta acolhida e, por e pelos seus, para desvelar a fonte viva¹, ela não pode se impor. Porque ela seria então, como um cabelo numa sopa maravilhosa, inadmissível. Ela seria uma falsificação do amor que ela anuncia.

E por que o diálogo se desenvolve no tempo no coração da obra de salvação operando na história humana, ele não pode ser instrumento, nem mesmo um instrumento missionário. Ele é a própria missão. Ele corresponde à finalidade perseguida, esta do amor recebido e acolhido, vivido e proclamado pelo que é vivido, que se traduz precisamente pela celebração da vida, o serviço aos irmãos em particular em vista da justiça, o louvor partilhado e os encontros fraternos².

Conclusão

Para concluir esta breve reflexão fazendo um retorno sobre nosso questionamento introdutório a propósito do fracasso do diálogo, nós somos convidados a aprofundar o sentido de nossa realidade humana para não nos enganarmos sobre o sentido do diálogo.

O sentido da existência pode anunciar-se, em particular, como a espera de poder ser recebido pelo outro, ser acolhido por ele tal como somos. Isso é o que nos conduz, de nossa parte, a nos dispor recolher aquele que se dá a conhecer e a encontrar, sem buscar apropriar-se e fazer dele um instrumento útil para dominar ou um bem a possuir. Disposição que nos mobiliza totalmente e nos torna aptos a corresponder no serviço e o louvor ao outro que nos convoca.

O sentido da palavra diálogo, nós o vimos, é esconder. Recolher a palavra do outro convida à escuta, mesmo constrangido, a ouvir o que se entrega no silêncio ou numa palavra, num gesto, numa atitude ou numa emoção. É no recolhimento traduzido por uma palavra, é por esta atividade da inteligência e do querer, que recebe, examina, coloca em ordem e escolhe – que separa, que o outro chega como outro, e que o “eu” chega a si mesmo. A relação estabelecida torna-se promessa de comunhão. Esta atividade é o sentido profundo da família de palavras gregas que deram em francês, ao termo “diálogo”. Compreendemos bem que longe de ser uma discussão entre iguais ou uma troca de propostas visando o consenso, o diálogo situa-se como a escolha daquilo que se aceita colocar numa atitude de escuta daqueles que ele reuniu para buscar compreendê-los e recebê-los a partir do que eles são, separados do que ele é pela palavra.

Uma escuta que interroga e busca decifrar a palavra e o que ela carrega, sem jamais ambicionar apropriar-se dela e fazer dela sua escolha. Uma atitude onde a palavra daquele que a confronta perpassa o que a escuta e o liberta da tentação da confusão e da destruição recíproca para conduzi-lo por este mesmo movimento ao advento de si e do outro, para sua alegria.

O diálogo, o “*dia-logos*”, que se pode transcrever como “por, através do logos”, como “perpassado pela palavra”, dá-se assim como o advento do reconhecimento irreduzível da alteridade. Ele

não pode ser da ordem da utilidade ou da necessidade, da possibilidade ou da necessidade. No cristianismo, ele é o lugar, a forma e o objetivo da revelação divina. Ele é da ordem da fundação, do caminho e do fim da existência humana. Aplicar-se ao diálogo, para o homem que o escolhe, ele é o caminho que o torna capaz de dialogar. Este caminho na escuta, leva a ousar uma palavra sem deturpação, concorre a conduzi-lo ao encontro que vale por si mesmo, isto é, este face a face com o outro, carne de sua carne, definitivamente diferente, que leva o nome do amor da amizade.

Irmão Thiery-Marie COURAU, o.p.
Diretor do ICTR (Instituto de Ciências e de Teologia das Religiões)

“Eu não tentaria modificar nada do que eu penso e nem do que vós pensais (por mais que eu possa julgá-los) a fim de obter uma conciliação que nos seria agradável a todos. Ao contrário, o que eu desejo dizer-vos hoje, é que o mundo tem necessidade de verdadeiro diálogo, que o contrário do diálogo é tanto mentira quanto silêncio e que, portanto, não há diálogo possível senão entre pessoas que continuam a ser o que elas são e que falam a verdade”³.

Notas

¹ “Esse mesmo nome consolidou este homem, que vedes e conheceis” At 3, 16.

² Este representa os quatro planos habituais de diálogo no seio da Igreja católica : intercâmbios teológicos, partilhas a nível da experiência espiritual, diálogo da vida e diálogo de ação comum. Cf. CPDI, Diálogo e missão, 1984.

³ Albert Camus, Conferência dada no convento dos dominicanos da Torre Maubourg (sic, isto é, no convento São Domingos, em Paris), 1948. in Albert Camus, *Essais*, ed. estabelecida e anotada por Roger Quillot e Louis Faucon, Paris, Gallimard, Biblioteca da Pléiade, 1965, p. 372.

Após sua conferência,
o Irmão Courau, op, reforça
algumas de suas convicções
para o diálogo inter-religioso
que vale também para qualquer diálogo

Notas tomadas durante a interação espontânea com os membros da Assembleia

Os preconceitos tornam difícil qualquer diálogo

A) Temos sempre preconceitos; não podemos acreditar que estejamos isentos disto. Faz parte de nossa vida, de nossa história. Os preconceitos são um obstáculo insuperável para o diálogo? Eles sempre são a primeira grade de leitura de qualquer encontro; por isso, é importante estar lúcido em relação aos preconceitos, isto é, saber que eles são capazes de se tornarem um verdadeiro obstáculo para o encontro e, até mesmo, de impedir o encontro. É necessário distinguir em si as diferentes etapas pelas quais é preciso atravessar em todo encontro.

* A primeira etapa é aquela na qual se acredita compreender imediatamente o que o outro deseja nos dizer. Apropria-se das ideias do outro se dizendo: isso se assemelha ou, isto não se parece comigo.

* A segunda etapa permite entrar mais profundamente no encontro, na escuta; logo, descobre-se que não se entende mais nada. Porque o outro é realmente diferente, os preconceitos são chamados a cair de uma maneira ou de outra. No princípio, não pensávamos que a diferença era tão grande. Com a verdadeira escuta do outro, descobrimos que tudo o que tínhamos imaginado está se desmoronando para dar lugar à incompreensão. Isto acontece em numerosas relações, inclusive nas relações com nossas Irmãs e irmãos de comunidade.

* Numa terceira etapa, descobrimos que não se deve compreender o outro tal como o imaginamos, mas aceitar não compreendê-lo e, mesmo, deixar de acreditar que se poderia compreendê-lo.

No entanto, nesta caminhada, algo surgiu: aprendo a conhecer o outro, isto é, tomei este caminho onde sou obrigado a deixar de acreditar que podia compreender o outro e descobri que eu aprendi a conhecê-lo: portanto, deixar de compreender para aprender a conhecer. Vocês sabem o quanto “conhecer” na experiência bíblica e cristã significa: “*fazer a experiência íntima de*”. Quando o homem conhece Deus, ele faz a experiência íntima d’Ele.

Neste trabalho de busca de compreensão do outro, após a primeira etapa dos preconceitos, a segunda etapa em que se perde a esperança de compreender, significa prosseguir o caminho, continuar buscando compreender embora, num determinado momento, descobre-se que não se é capaz, porque se aprendeu a conhecer o outro.

B) No que se refere aos preconceitos que o outro pode ter sobre mim, é preciso percorrer um outro caminho que supõe entrar na compreensão da realidade do outro, mas também, não esperar do outro o equivalente do que eu posso lhe oferecer e, até mesmo, pôr certos limites a não ultrapassar pelo bem de cada um.

Quando eu tenho a impressão que o outro não me recebe como eu sou, que não me entende, não me acolhe, enquanto que eu, eu faço este esforço para entrar em diálogo com ele, eu poderia entrar em desespero porque eu gostaria de receber o equivalente daquilo que eu lhe ofereço. O diálogo acontece desde o momento em que eu aceito começar a entender a realidade do outro.

O diálogo é obra da inteligência e do amor. O amor é inteligente. Acolher, receber, colecionar, abrir-se ao outro, não é aceitar tudo, mas oferecer um lugar de apoio. Não há abertura possível se há um limite. Quem diz limite, diz firmeza, isto é, lugar onde o outro não pode ultrapassar, não porque eu tenho medo, mas porque é, ao mesmo tempo, o seu e o meu bem. Se o preconceito que o outro tem sobre mim é um preconceito de ordem destrutiva, importa, por amor, manter uma atitude de abertura, mas também de firmeza.

Tomemos como exemplo, o diálogo inter-religioso com nossos irmãos muçulmanos. Falamos que há diálogo desde o momento em que eu aceito começar a compreender a realidade do outro. No entanto, é preciso saber que, na visão teológica muçulmana, é inconcebível não buscar a conversão, porque isto depende, de certo modo, do contexto da salvação para todos os seus irmãos humanos. É importante conhecer isto, para compreender qual pode ser a atitude do outro para conosco. Uma vez que eu compreendo esta atitude fundamental, será que eu posso deixá-lo fazer tudo o que quiser comigo ou com meus irmãos e irmãs? Certamente que não. Por quê? No diálogo e no amor, é fundamental impedir que o outro se destrua destruindo o seu irmão.

O Magistério da Igreja e o diálogo inter-religioso

O Magistério da Igreja trabalha, atualmente, sobre a teologia das religiões e a teologia do diálogo. Hoje, ainda não existe teologia do diálogo que seja estruturada e fundamentada. No entanto, desde o Concílio, a Igreja tenta compreender melhor o lugar das religiões e do diálogo no desígnio de Deus. Se tiverem a tempo de trabalhar os textos do Magistério do Concílio que se referem ao diálogo, verão que eles situam o diálogo como um método ou um meio em relação ao anúncio da Boa Nova. Em nossa tradição católica, a teologia é um trabalho que não cessa de se realizar e de continuar; nós o fazemos juntos, como Igreja com as experiências que os cristãos vivem nas diferentes situações, em referência à nossa tradição, à Bíblia, à história. Durante os séculos, a Igreja não parou de evoluir a fim de progredir na relação com as outras religiões. Da mesma maneira a Companhia das Filhas da Caridade passou pela mesma evolução e vai se acentuar ainda mais porque ela está situada num contexto histórico, social, geográfico diferente.

Hoje, a Igreja é impulsionada por este espírito de diálogo tão fortemente anunciado por João Paulo II, particularmente por ocasião da reunião de Assis em 1986. A Igreja continua trabalhando sobre os fundamentos teológicos do diálogo. Eu, pessoalmente, penso que o amor é a única resposta que nós podemos levar ao mundo, como Igreja, e que é de ordem de nossa responsabilidade e que é sempre importante situar bem o diálogo neste nível.

Fundamentos antropológicos

Hoje nos questionamos: finalmente, existe um humano universal? É cada vez menos certo em matéria de cultura, porque nós vemos o quanto cada cultura é capaz de estruturar os seres. Não obstante, há uma verdade antropológica a qual nós somos chamados a partilhar em relação ao amor. Cada uma de vocês pode fazer a experiência que, qualquer que seja o país onde se encontra ou as tradições religiosas com as quais é confrontada, ela encontra pessoas dispostas a acolher, a receber e ser recebida, e que isto se partilha de uma maneira o mais simples possível, qualquer que sejam as culturas e as opiniões religiosas. Aqui está a ambivalência humana: sentir em si mesmo esta aspiração fundamental ao acolhimento e, ao mesmo tempo, ser capaz de destruir aquele para com o qual se percebeu acolhimento e amor.

É necessário pensarmos ainda nesta dicotomia que se carrega em si: entre sua aspiração fundamental e sua atitude condicionada pela história, o ambiente, a religião, os preconceitos, os julgamentos rápidos... Tudo isto para dizer que o Concílio Vaticano II nos lembrou o quanto a unidade do gênero humano é uma visão cristã. Todos os seres humanos são chamados a viver na unidade. Para nós, cristãos, esta unidade é fundamentada em Jesus Cristo. O Concílio disse que Cristo se uniu a todo homem de alguma maneira; mas isto não significa que todo homem se uniu a Cristo. Portanto, somos chamados à unidade do gênero humano pela pessoa de Cristo.

A pastoral da Igreja

Eu acredito que toda pastoral, que articula de maneira coerente uma palavra e um ato, dá frutos em favor daqueles a quem se dirige. Frequentemente, a dificuldade nas obras de evangelização, é a discordância que as pessoas podem perceber entre nossas palavras e nossos atos. Se nós amamos os outros, é necessário acolhê-los e também aceitar receber deles. O grande trabalho que devemos sempre fazer e que transforma nosso ser, nossas comunidades e a Igreja, é o de aprender a receber antes de dar.

É necessário contemplarmos o movimento do amor na Trindade para compreender nosso lugar na humanidade. Estamos numa atitude em que, frequentemente, nós nos colocamos no lugar do Pai. Ora, nossa atitude é de estar no lugar do Filho. O Pai é o doador. O Filho é aquele que recebe. Sua única atitude é receber e é fundamental, pois, se o Filho não recebe, o Pai não pode se doar. Para que o Pai possa doar-se, é preciso que o Filho receba. Num plano lógico, o dom do Filho ao Pai é secundário em relação à atitude de receber ou de acolher a totalidade do Pai. E é esta troca entre o Pai e o Filho, entre o Filho e o Pai que chamamos Don, isto é: o Espírito Santo.

Nosso lugar na humanidade é de nos situar como filhos e filhas; isto é, como aqueles que recebem tudo do Pai e dos outros. E porque eles recebem dos outros, podem se doar aos outros, senão nós não nos damos a nós mesmos. É por isso que a vida cristã só pode ser um morrer a si mesmo; e não somente a vida cristã, mas também, a vida humana. Isto significa que o cristianismo revela para o quê o homem é destinado. E o homem é destinado a esta abertura total que é este Cristo na cruz. Não é por nada que temos o Cristo na cruz: Ele é a abertura total, o acolhimento de todos aqueles que vêm a Ele, incluindo aqueles que o puseram na cruz e, que, Ele reconcilia antes de morrer: *“Pai, perdoa-lhes; eles não sabem o que fazem”*. Isto significa que as relações com aqueles que o puseram na cruz são restabelecidas, mantidas, nenhuma relação será perdida. E o movimento do Filho é acolher tudo em si a ponto de não poder mais fechar suas mãos, se ousar dizer; elas estão abertas definitivamente. É a atitude à qual somos convidados a viver: a configurarmo-nos no seguindo de Cristo, a deixá-Lo realizar esta obra pela qual nós nos abrimos ao outro para recebê-lo; e, recebendo-o, nós nos damos a ele. Se, ao contrário, esquecemos esta atitude do receber, do acolhimento, da escuta, nós nos situaremos numa

política do dom: Eu dou um pouco de tempo, um pouco de dinheiro, um pouco de educação, um pouco de atenção etc. Muito bem! E o outro tomará o tanto que precisar; mas não terá experimentado o acolhimento de si mesmo tal como Ele é. Ser recebido tal como ele é, no momento em que ele decide, como ele é, isto é experimentar este mesmo amor de Deus que nos coloca a caminho para ir proclamá-lo e anunciá-lo.

Conclusão

No que eu tentei dizer, vocês vêem bem que o diálogo começa a partir do momento em que nós nos dispomos e nos colocamos na escuta do outro. Isto pode nos surpreender ao pensar que já existe diálogo quando simplesmente uma das duas pessoas envolvidas está à escuta. Frequentemente, entendemos o diálogo como algo que acontece necessariamente como uma reciprocidade. Mas o contexto do diálogo não se situa como uma busca de debate, de conversação, de aceitação de um pelo outro. Ele se situa como o colocar-se à disposição para receber o outro, tal como ele é, mesmo se ele não nos recebe. E é isto que é necessário entender senão, buscaríamos obter resultados enquanto que esta atitude pode dar somente frutos. É preciso não confundir os frutos com os resultados. Não cabe a nós salvar os outros, é Cristo quem salva. É importante nunca esquecer isto. Não forçamos o diálogo tentando obter do outro uma resposta para a minha atitude de escuta e de acolhimento. O diálogo existe a partir do momento em que eu me coloco em atitude de escuta, não importa qual seja a atitude do outro. Vejamos o nosso Deus! Já faz milhares de anos que Ele se dispõe ao diálogo com o homem. Quantos correspondem? E Ele não se cansa, a ponto de Ele mesmo tomar a forma humana para manifestar pelo menos em um homem que a humanidade pode ser a resposta de um diálogo, realizado, concluído. Deus não se cansa de se dispor ao diálogo. Ele é o diálogo. Se nós não entendemos isto, vamos seguir todos os tipos de objetivos que podem nos conduzir ao desespero, porque são impossíveis de realizar. Você nunca poderá mudar o outro. Trata-se de acolhê-lo e de acolhê-lo tal como ele é; e eu repito, sem deixar-se destruir por ele, porque você se destruindo, ele se destruiria. Portanto, há uma responsabilidade do amor de apresentar esta atitude firme e suave, ao mesmo tempo, para com o outro, que permite a cada um experimentar o que é ser recebido e receber.

Creio que todos nós, jovens ou idosos, ou de uma outra tradição, de uma outra cultura, estamos todos ávidos por um verdadeiro encontro, real. E se nós oferecemos a alguém a oportunidade de poder ser recebido em nossa mesa, e de poder ser escutado por alguém que não busca passar a mão em sua cabeça, coisas surpreendentes acontecem na ordem do conhecimento. O grande medo que todos nós temos, é que, quando nós encontramos uma mão aberta, que nela podemos nos aconchegar e que de repente, a mão se fecha e que, finalmente, seremos o objeto daquele que nos acolheu. Portanto, o amor “ágape” do Cristo é uma abertura total onde o outro pode entrar e sair. Se nós estamos nesta atitude de abertura total, na gratuidade, acontecerá uma autêntica experiência de conhecimento. Muitas coisas estão interligadas a este essencial do amor “ágape” que é esta dimensão de acolhimento, de recepção, de liberdade daquele que vem e se entrega a nós.

Irmão Thiery-Marie COURAU, o.p.
Diretor do ICTR (Instituto de Ciências e Teologia das Religiões)

PADRE YVES-MARIE BLANCHARD

Exigências da missão: o dialogo ecumênico

Profecia e Esperança:
os desafios do diálogo ecumênico

A palavra “ecumenismo” tem, algumas vezes, uma grafia ruim: a presença de uma palavra abstrata com “-ismo” faz alguns temerem tratar-se de uma religião, verem uma síntese artificial das Igrejas cristãs. É por isso que falaremos mais de “movimento” ou de “diálogo” ecumênico, para designar não um sistema teórico, mas uma realidade bem viva, em pleno desenvolvimento, com avanços e tempos de parada – recuos – curto processo em andamento, bem longe de estar realizado e, particularmente, adaptado a problemática de sua Assembleia geral: “Profecia e esperança, agora e em toda parte”. Sim – e nós vamos ver – o movimento ecumênico permanece, apesar de algumas aparências, uma realidade definitivamente atual (agora). Por definição, é um projeto universal (por toda parte), mesmo se a consciência é mais viva em algumas regiões do mundo. Sobretudo, se se trata de um processo em evolução, do qual as motivações convidam a esperança e as realizações, mesmo as modestas, podem ser consideradas como proféticas. Vejamos, estamos plenamente no tema de sua sessão colocando nossos olhares sobre o movimento ecumênico, entre esperança e profecia, agora e em toda parte. Nossa exposição será composta de seis partes.

1. É preciso lembrar-se que o movimento ecumênico é uma realidade recente, de apenas um século, o que significa que, se as divisões são bem antigas (aproximadamente desde o século 5º para as Igrejas orientais antigas, do 11º século para a Ortodoxa, do 16º século para as Igrejas da Reforma), foi preciso esperar todo o começo do século 20 para que acontecessem os encontros inter-eclesiais, primeiro no seio do mundo protestante, mas também com os Ortodoxos, Anglicanos e numa medida menor, os Católicos. Dois modelos se desenvolveram então, paralelamente: aquele das conferências internacionais, realizada em intervalos regulares, tais como os três movimentos na origem do Conselho Ecumênico das Igrejas (o Conselho Internacional das Missões e, sobretudo, as duas correntes do cristianismo social - Vida e Ação, *Life and Work*, Vida e Trabalho – e do diálogo teológico – Fé e Constituição, Fé e Ordem, *Faith and Order*); aquele dos encontros bilaterais, unindo duas Igrejas, sempre a partir do carisma de personalidades excepcionais, das quais o engajamento pode ser verdadeiramente considerado “profético”. Assim as Conferências de Malines, fruto da profunda amizade entre o anglicano Lord Halifax e o cardeal Mercier, arcebispo de Malines-Bruxelas, no começo do século XX.

Após esses começos promissores, duas datas se destacam: primeiro, em 1948 em Lausanne, o nascimento do Conselho Ecumênico das Igrejas (WCC: World Churches Council), nascido da fusão das duas principais correntes precursoras; em seguida, o Concílio Vaticano II, do qual a declaração sobre a Unidade dos Cristãos (*Unitatis redintegratio*: 1964) não somente aceita a solicitação ecumênica, mas faz desta uma prioridade e um compromisso irreversível. O que quer que tenha parecido algumas vezes, este compromisso da Igreja católica permanece plenamente válido hoje: ele foi, várias vezes, confirmado pelo compromisso concreto e pelo ensinamento doutrinário dos Papas Paulo VI, João Paulo II (com a magnífica encíclica *Ut unum sint*, em 1995, entre outras) e agora Bento XVI. Assim, o ecumenismo está mais do que nunca na ordem do dia, sob a impulsão do Conselho Pontifical para a Unidade dos Cristãos, hoje presidido pelo grande teólogo que é o cardeal Walter Kasper. Notemos que, se a Igreja Católica jamais aderiu ao Conselho Mundial das Igrejas (que reúne hoje mais de trezentas Igrejas), sem dúvida por medo que o movimento se reduza a um tipo de fórum superficial da maneira da Assembleia geral das Nações Unidas, ela participa plenamente nos trabalhos do setor teológico (Fé e Constituição), no meio do qual se faz a maior parte da pesquisa fundamental em vista da Unidade das Igrejas (por exemplo, o famoso documento de Lima 1982: Batismo, Eucaristia, Ministério, numa abreviação: BEM). Desta situação paradoxal (presença-ausência da Igreja Católica no Conselho Ecumênico) se destaca entre outras, a situação européia, com a proximidade sempre calorosa e realmente eficaz entre o Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE), representando os Católicos da Europa, e a Conferência das Igrejas da Europa (KEK), reagrupando um grande número de Igrejas saídas seja da Tradição oriental, seja da Reforma protestante. As duas instituições colaboram estreitamente entre elas, como foi o caso com a adoção da Carta ecumênica européia (2001) e a realização de uma terceira assembleia européia, em Sibiu (Romênia) em setembro de 2007 (depois Bâle – 1989- e Graz – 1997), e consagrada justamente ao lugar das Igrejas cristãs no processo de construção européia.

2. Os resultados alcançados ao longo de uma história relativamente breve – e, reconhecamos, retardada pela demora da Igreja Católica que foi durante muito tempo hostil ao movimento ecumênico e se juntou a ele somente em 1964, com o Concílio Vaticano II – são realmente consideráveis, se nos lembrarmos bem como era a situação há cinquenta anos atrás. É fácil fazer uma lista, ainda que incompleta, dos progressos alcançados neste domínio. Assinalemos apenas alguns pontos:

- a) a suspensão das condenações recíprocas e anátemas envelhecidas por vários séculos, quase um milênio no caso das relações entre Católicos e Ortodoxos, restabelecidas por Paulo VI e Atenágoras, em 5 de janeiro de 1964, em Jerusalém;

- b) a confissão comum de fé, principalmente entre o papa e os patriarcas das Igrejas orientais antigas (armênias, coptas, sírias), assim como a assinatura de acordos doutrinários, como a declaração comum sobre a justificação, aprovada pela Igreja Católica e a Federação Mundial Luterana, em 31 de outubro de 1999.

- c) a organização de orações interconfessionais, principalmente no contexto da Semana anual de oração pela Unidade dos Cristãos (18-25 janeiro), instituída em Lyon pelo abade Paul Couturier em 1935 e desde então fielmente realizada todo ano;

- d) a existência de vários comitês mistos de diálogo teológico, tanto em nível universal quanto num certo número de países, particularmente na França ou nos Estados Unidos, onde certos comitês são conhecidos pela qualidade de seus trabalhos. Citemos a este título, o Grupo de Dombes, que desde 1937, busca um diálogo mais profundo e verdadeiramente profético entre Católicos e Protestantes francófonos, sob a forma de um grupo particular e não oficial, mas dotado de uma autoridade moral largamente reconhecida.

Além destes avanços institucionais, convém sublinhar, sobretudo, o excelente clima relacional e fraterno, que desde então existe em vários países e, desta maneira, completamente novo em comparação a um passado dolorosamente marcado pela indiferença, a raiva e a violência. Pensemos somente nas Guerras de Religião, tão pesadas sempre no passado francês, mas isto é verdade também em outros lugares. Este clima novo se traduz por relações de confiança e de apoio mútuo em todos os níveis, tanto entre os fiéis como na hierarquia. Agora é banal e considerado como coisa normal convidar de uma parte e de outra para os sínodos e assembleias, assim como se tornou habitual abrir juntos para a caridade e as grandes causas sociais. Frequentemente - e este é o caso na França com o CCEF (Conselho Cristão das Igrejas da França) – as Igrejas se esforçam em ter o mesmo discurso diante das autoridades públicas. Isto não é sempre fácil porque, se a fé é comum, as reflexões e as sensibilidades em matéria social e política podem ser divergentes. Os resultados obtidos são espetaculares: nunca um católico que voltasse a terra depois de cinquenta anos de ausência acreditaria em seus pontos de vista! Apesar das divergências reais e golpes da história, apesar do pecado dos homens e dos respectivos fechamentos, existe hoje verdadeiramente o sentimento forte de pertencer à mesma e única Igreja do Corpo de Cristo. Tal convicção merece ser reconhecida: ela constitui aos meus olhos, uma das grandes riquezas que os cristãos do século vinte terão deixado aos seus sucessores. É nossa responsabilidade fazer com que esta luz, ainda frágil, não se apague por causa de nossa negligência ou em razão de um ceticismo excessivo, frequentemente veiculado pelos meios de comunicação e por aqueles que não têm outro critério de julgamento senão as aparências felizmente enganadoras.

3. Certamente, pode-se deplorar hoje um certo esfriamento do movimento ecumênico, para o grande lamento dos pioneiros depois do Concílio. É preciso, entretanto, relativizar este sentimento e olhar a situação ecumênica em relação a outros setores da atividade eclesial, todos também vulneráveis no contexto social e cultural de hoje. Tentemos, entretanto, destacar algumas das causas que podem explicar esse relativo esfriamento do diálogo ecumênico:

- a) Primeiro, a dificuldade própria do diálogo ecumênico, uma vez superado o estado do simples isolamento. Era bem fácil e em todo caso, muito gratificante encontrar juntos os caminhos da

amizade; agora que esta primeira etapa está concluída, evidentemente, é muito mais exigente enfrentar juntos as questões de fundo que durante longo tempo se opuseram a nós e continuam a nos separar. Uma tal tarefa de esclarecimento e aprofundamento exige a contribuição de especialista; para ser honesto, o trabalho deverá tomar ainda muito tempo. Ainda que compreendamos que isto possa desencorajar os fiéis na espera de resultados concretos e decepcionados por ter que esperar ainda mais tempo os sinais de uma unidade ansiada com uma legítima impaciência.

- b) Em seguida, a tentação da perda da identidade, característica das sociedades pós-modernas atormentadas pelos efeitos opostos de uma globalização ou globalização susceptível de misturar as referências indispensáveis à vida social. No momento em que uma tal pusilanimidade afeta todos os domínios – pensemos nas dificuldades da União Européia ou, ainda mais grave, nos despertares etnocêntricos sensíveis em muitas partes - , não é surpresa que ela afete também as grandes e mais particularmente, no seio do cristianismo, as Igrejas separadas. É evidente que neste começo do século 21 os grandes ideais unitários são colocados em questão: não há razão para que o ecumenismo escape totalmente desta crise (que esperamos ser passageira).

- c) Por mais positivo que ele seja, o desenvolvimento recente do diálogo inter-religioso tende a ocultar o movimento ecumênico, considerado pouco eficaz e muito particular. Pode parecer, com efeito, mais urgente abrir o diálogo com as grandes religiões não cristãs: verdadeiros desafios geopolíticos, principalmente no caso do islã, chamam a intensificar tais relações. Por outro lado, a banalização das viagens intercontinentais e a importância dos fenômenos migratórios têm como efeito a sensibilização da opinião em relação às tradições religiosas provocando um real exílio espiritual. Ao lado disso, o diálogo interno do cristianismo pode parecer mais estreito, menos urgente, bem pouco exótico. Certamente, de um ponto de vista cristão esclarecido, é evidente que os dois diálogos são indispensáveis e indissociáveis, mas em curto prazo, podemos ser tentados a estabelecer prioridades. Neste caso, é grande o perigo de esquecer a exigência do diálogo ecumênico.

- d) Enfim, a conjuntura geopolítica atual acentua certos efeitos negativos, tendo como consequência diminuir e parar temporariamente alguns projetos de diálogo engajados há um certo tempo. Bem particularmente a queda do império soviético há vinte anos permitiu a emancipação de numerosos países, felizmente tornando-os mestres de seus próprios destinos. Deste modo, suas Igrejas entraram num longo processo de reapropriação de sua história e de redefinição de sua posição social e cultura. Sendo assim, não é surpreendente que tal renovação interior tenha exigido uma pausa no diálogo externo. Foi sem dúvida a mesma coisa no momento da descolonização para as Igrejas a partir daquele momento encarregadas de sua própria identidade, no coração de identidades nacionais incertas. Uma coisa é certa: a insegurança ou a hesitação sobre si mesmo nunca favorecem o diálogo com o outro; as mudanças consideráveis ocorridas no nosso mundo nestes últimos anos podem diminuir a velocidade dos processos de diálogo iniciados, por um lado, no espírito de reconstrução consecutivo a segunda guerra mundial e, característico dos anos de crescimento ocidental, contemporâneos justamente do Concílio Vaticano II e de seu otimismo generoso.

4. Quaisquer que sejam as dificuldades apresentadas e tendo em conta os efeitos da moda aos quais é preciso resistir de qualquer maneira, o diálogo em vista da Unidade dos cristãos não é de nenhuma maneira opcional ou facultativo. É da própria identidade da Igreja, segundo o ensinamento de Jesus, tal como ele nos transmitiu no Evangelho segundo João. Os exegetas e historiadores do cristianismo do primeiro século estão hoje convencidos de que a comunidade joanina sofreu intensamente uma crise interna que prejudicou a unidade do grupo reunido inicialmente em torno do Discípulo amado. Alimentada por sua infeliz experiência, a comunidade do quarto Evangelho compreendeu melhor do que ninguém a que ponto a preocupação da Unidade podia estar no coração mesmo do pensamento e da vontade de Jesus, a ponto de fazer sobre ela sua última e decisiva oração (capítulo 17), em algum tipo de última palavra do seu “testamento” deixado aos discípulos. Não existe então, nenhuma hesitação a se fazer sobre a urgência e a necessidade do diálogo ecumênico. Com efeito, ao longo da história e, ainda hoje segundo a diversidade das situações regionais e das figuras eclesiais, existiu – e ainda continuam a existir- múltiplas orientações pastorais, plenamente legítimas, mas tributárias de um lugar e de um tempo determinado. Isto não é o caso do diálogo ecumênico: este

decorre da vontade expressa de nosso Senhor Jesus Cristo, na hora da cruz. E isto por duas razões: a primeira razão – propriamente teológica e fortemente afirmada por Jesus – está ligada ao mistério mesmo de Deus, o qual é um através da comunhão do Pai e do Filho no Espírito; a segunda razão – mais estritamente pastoral e igualmente sustentada por Jesus – reside no fato que não existirá credibilidade no anúncio do Evangelho se os missionários e testemunhas da Palavra não estão também estreitamente unidos como o Pai e o Filho.

Eu não lerei diante de vocês a oração sacerdotal de Jesus no capítulo 17 de São João. Convidoo-as somente, minhas Irmãs, a retomarem esta oração cada vez que se sentirem tentadas a duvidar, senão da importância do tema em longo prazo, ao menos da urgência a empregarmos todos os meios possíveis para acelerar a chegada da Unidade perfeita do Pai e do Filho e o serviço da Missão: “Que todos sejam um. Como tu, Pai está em mim e eu em ti, que eles estejam em nós para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17, 21). Claro que a referência ao mistério do Deus Trindade proíbe confundir unidade e uniformidade: o Pai, o Filho e Espírito são tão distintos quanto uma só pessoa; tal é o mistério de Deus, ao qual todas as Igrejas cristãs são chamadas a se conformar, sem que as grandes Igrejas se acreditem autorizadas a impor seu ponto de vista, sem que as pequenas Igrejas se sintam no direito de cultivar seu particularismo. Esta fé trinitária é a razão de ser movimento ecumênico; a prioridade missionária é também o primeiro objetivo. É a Jesus que volta a iniciativa de ligar a fé trinitária e a atividade missionária: estas duas dimensões da identidade cristã nos são caras e, de todo nosso coração, nós tentamos viver num mesmo movimento a fé em Deus Pai-Filho-Espírito e o serviço da Missão junto às pessoas. Ora, Jesus nos dá a chave para articular essas duas dimensões: é justamente a Unidade dos Cristãos, certamente uma unidade ferida pela história, mas uma unidade em via de reconstrução, segundo a perspectiva do movimento ecumênico.

5. Como toda realidade teológica – isto é, que se refere ao mistério de Deus – a Unidade dos Cristãos não pode se contentar com modelos humanos, emprestados a nossa experiência de sociedades terrenas. Desta maneira, diz-se sempre que a Igreja não é chamada a ser nem uma monarquia, nem uma democracia, nem qualquer figura sociopolítica, mesmo que ela possa receber também ensinamentos da experiência adquirida pelas sociedades humanas. Assim, para falar somente da Igreja Católica, um pouco de democracia lhe seria algumas vezes útil e poderia ajudá-la a viver melhor o princípio da colegialidade, reafirmado justamente no Vaticano II. O mesmo aplica-se ao diálogo ecumênico. O objetivo não é realizar compromissos, onde se concordaria sobre o mínimo comum, com o sentimento doloroso de um empobrecimento de cada tradição confessional. Esta caricatura de ecumenismo ninguém quer hoje. Seria renegar uma parte da experiência propriamente espiritual, adquirido por cada Igreja ao longo de sua história e sempre conforme a uma intuição profundamente evangélica. Não, o diálogo ecumênico não é um comércio, cujos resultados seriam simplesmente concessões mútuas, vividas num sentimento de frustração, de culpabilidade em relação aos tesouros da Tradição assim abandonados.

Ao inverso dessa cultura do compromisso ao mesmo tempo infeliz e necessário, o diálogo ecumênico constitui mais um apelo recíproco à conversão, isto é, um esforço comum de centrar-se de novo no coração da fé, isto é, a pessoa de Cristo e o mistério de Deus revelado nele. Certamente, cada Igreja se compromete a escutar outras Igrejas, a receber como pertinentes as questões que lhe são colocadas através de expressões teológicas, de formas litúrgicas, de modelos comunitários, de compromissos éticos, além daqueles aos quais, cada Igreja está habituada, devido a sua própria Tradição. Interpelada desta maneira pelas outras, cada Igreja é convidada a verificar em que sua própria Tradição é fiel ao Evangelho e em que ela se afasta, não para abandonar o que faz sua riqueza particular, mas para regular as formas de expressão, em nome do essencial, segundo a perspectiva dita “hierarquia de verdades”. Tomando a imagem do círculo onde cada Igreja estaria num ponto da circunferência, pode-se dizer que o diálogo ecumênico não deve primeiro acontecer no exterior do círculo, de maneira superficial, como se se tratasse de um compromisso assumido a preço de duras negociações. Pelo contrário, é percorrendo o raio que religa ao centro – isto é, ao Cristo – que cada Igreja se reaproxima de sua vizinha: com efeito, quanto mais os raios se reaproximam do centro, mais a distância que os separa diminui. Isto é o ecumenismo: caminhar juntos em direção ao Cristo, aceitando

ser interpelados uns pelos outros, e o fato de se encontrar misteriosamente mais próximos uns dos outros...

Naturalmente, um tal progresso não pode se fazer sozinho, sem um verdadeiro esforço de conversão pessoal e coletiva. De fato, isso passa também por um método de trabalho, praticado de fato num bom número de grupos a começar pelo Grupo de Dombes. A pesquisa conduzida junto, sobre um ponto de divisão grave, terá cuidado em respeitar as etapas seguintes:

a) releitura preparada da história comum, com uma atenção precisa aos momentos de crise e ruptura, a fim de melhor avaliar as causas e a natureza das divisões ainda hoje experimentadas;

b) aprofundamento das questões controversas, primeiro à luz da Escritura relida de comum acordo, em seguida do ponto de vista das tradições teológicas também comuns e diversas;

c) pesquisa combinada de vias possíveis de reaproximação, de maneira que as diferenças não sejam mais tidas por separadoras, mas possam ser vividas em comunhão, numa diversidade plenamente legítima. Encontramo-nos, pois, comprometidos com a via que se chama a busca do “consenso diferenciado”, isto é, o fato de verificar se expressões diferentes da fé não seriam em certos domínios perfeitamente compatíveis com a unidade da mesma fé. A título de exemplo, é de uma tal conclusão que veio a famosa declaração de 1999 entre Católicos e Luteranos, relativa à justificação, que era considerada então, como a principal pedra de tropeço entre a teologia católica e as posições da Reforma protestante. A vantagem de um método como este, é que a pessoa não tem o sentimento de perder sua alma: cada um tem a certeza não somente de permanecer fiel a si mesmo, mas de ter crescido em fidelidade, de ter centrado melhor sua fé no Cristo, com a vantagem adicional pela certeza de ter colaborado na unidade dos irmãos cristãos restabelecendo outras tradições cristãs.

6. Comunhão interna na Igreja, movimento ecumênico, diálogo inter-religioso: estes três domínios são de fato inseparáveis, mesmo se convém distingui-los, a fim de não negligenciar nenhum... Trata-se sempre, menos de fazer coisas, mas sim de colocarmo-nos em estado de acolhê-las, particularmente no caso do ecumenismo. Está claro, segundo a intuição do abade Couturier, que a Unidade nos virá quando Deus quiser e segundo os meios que ele quiser. Não há portanto, necessidade de planejar o movimento ecumênico como se fosse uma política puramente humana. Trata-se, ao contrário, de não perder nenhuma oportunidade, quer ela seja simplesmente de ordem simbólica ou passe por diálogos difíceis, iniciativas ousadas, decisões amadurecidas. Em matéria de ecumenismo, mas do que em outra qualquer, devemos temer que as ocasiões perdidas não voltem, ao menos de imediato, já que em última instância é sempre Deus e somente Ele quem conduz o movimento em direção à Unidade. É por isso que convém lembrar – seguindo o abade Couturier, recentemente confirmado pelo cardeal Kasper – a urgência e a prioridade de um “ecumenismo” espiritual, certamente ansioso em agir e capaz de apresentar propostas audaciosas e proféticas, mas antes de tudo, animado por uma disposição real de viver a permanente e muito exigente conversão à Unidade, com o que isto supõe de morte da sua própria vontade de poder, não somente pessoal, mas também eclesial e confessional, o que – confessemos – é ainda mais difícil! Não se trata nada menos que de mudar o olhar sobre si mesmo e sobre o irmão cristão, sobre sua própria Igreja e sobre a Confissão do outro, e mesmo sobre a ideia que nós podemos fazer da vontade de Deus e dos meios a serem utilizados para acolhê-lo e nos confirmar nisto.

Vemos a exigência espiritual de uma perspectiva como essa. Ela me parece também susceptível de sustentar e dinamizar um projeto de vida consagrada, a serviço da Missão. É por isso, minhas Irmãs, que eu me permito confiar às suas orações e ao seu compromisso apostólico essa grande obra de Unidade dos Cristãos. Talvez minha exposição tenha lhes parecido excessivamente centrada nas realidades européias. Sem dúvida é a consequência infeliz de minha própria particularidade francesa e peço-lhes desculpas. Pergunto-me, entretanto, se esta referência européia não é inevitável nesta área. Com efeito, foi o mundo mediterrâneo depois a Europa que produziram as divisões eclesiais, as do antigo Oriente, depois a separação entre os gregos e latinos, enfim as múltiplas rupturas herdadas da Reforma do século XVI. Foi também a Europa que, no século XX, criou o movimento ecumênico, como uma resposta bem tardia as divisões religiosas e as rupturas engendradas ao longo de sua história. É ainda da Europa que a fé cristã se expandiu no mundo, ao preço de um esforço missionário considerável, principalmente no século XIX. Mas – a infelicidade está aqui – propagando o Evangelho,

o Evangelho também exportou suas próprias divisões confessionais que se tornaram hoje a porção de todos os cristãos, em todos os continentes com, há algum tempo, uma proliferação de denominações cristãs, segundo a diversidade de culturas. Com certeza, a proliferação das novas Igrejas, ditas evangélicas ou pentecostais, constitui uma nova provação para o ecumenismo: muito frequentemente o apego exclusivo ao líder, a reivindicação étnica exacerbada, a ausência de reflexão teológica e o primado da emoção, e mesmo, o recurso a métodos de evangelização pouco respeitosos ao outro (que chamamos, de maneira negativa, o proselitismo), tornam difícil e sempre impossível o diálogo desinteressado e o encontro fraterno. Não nos desencorajemos: a história do movimento ecumênico atesta conversões imprevisíveis e evoluções impensáveis aos olhos humanos. Sem dúvida, acontecerá também com as novas Igrejas, das quais o dinamismo pode se constituir num apelo, não a reproduzir o que elas têm de contestável, mas a converter o interior das práticas eclesiais, sem dúvida, ainda mais jurídicas e bem pouco atentas às expressões espontâneas das pessoas e das culturas. De qualquer maneira, o ecumenismo na Missão em geral, não escolhe seus parceiros: recebe-os de Deus como um dom e uma provocação a viver, nós mesmos, uma maior fidelidade ao Evangelho. Tal é então o primeiro desafio do diálogo ecumênico.

Enfim, hoje mais do que nunca, o ecumenismo tornou-se uma questão planetária: entre “profecia” (ousar propor atos e tomar as medidas que sejam necessárias para a situação ordinária) e “esperança” (manter-ser firme na espera da Unidade como dom de Deus e converter nossa vida eclesial no sentido desta promessa), o movimento ecumênico deve ser vivido “agora” (isto é, no coração das realidades de hoje, que não são mais aquelas dos anos fáceis do ecumenismo, por exemplo, para nós Católicos, o período imediato ao Vaticano II) e “em toda parte” (não somente na Europa, mas de maneira ainda mais urgente nas novas Igrejas e antigos países de missão, sobretudo, lá onde o cristianismo é bem minoritário). Desta maneira, eu ousaria dizer, para concluir, que o movimento ecumênico é também, de uma certa maneira, a imagem sua Assembleia geral, tão diversa e contudo, tão unida!

Padre Yves-Marie BLANCHARD
*Professor na Faculdade de Teologia e Ciências religiosas
e membro do grupo das Dombes*

PADRE GRÉGORIO GAY, SUPERIOR GERAL

Homilia do 4 de junho de 2009

A Luz de Pentecostes

Durante a Eucaristia de hoje, vamos concentrar nossa atenção na experiência de *luz* de Santa Luisa que ocorreu no Pentecostes de 1623, e que deu fim às suas numerosas inquietações, lutas e sofrimentos, e que se traduz por uma profunda convicção do seu amor a Deus e também do amor ao próximo. Ela diz que: *“participando da Santa Missa ou fazendo oração na igreja, de repente, fui esclarecida de minhas dúvidas... viria o tempo em que estaria em condições de fazer voto de pobreza, de castidade e obediência, numa pequena comunidade, com pessoas que fariam o mesmo. Entendi, então, que isso seria num lugar dedicado a servir o próximo”*.

Esta crise que Luísa experimentou, comum na vida daqueles que lutam para entregarem-se totalmente a Deus e ao próximo, expressa o centro do maior mandamento que o Senhor Jesus nos deu e que ouvimos ser proclamado no Evangelho de hoje.

Durante esta semana, a mais importante da vida de Luisa, entre a Ascensão e o Pentecostes, ela foi retirada do desespero, apelando para um Deus no qual ela imaginava não acreditar mais. Como a

mesma deixa claro, isso aconteceu graças à intercessão do Bem-Aventurado Bispo de Genebra, amigo próximo de Vicente de Paulo, Francisco de Sales.

Como Filhas da Caridade, filhas de Santa Luisa e seguidoras de Jesus Cristo, todas são chamadas a entregarem-se inteiramente ao Senhor: isto é, com toda a sua alma, com toda a sua mente e com todas as suas forças, para amar o próximo, como a si mesmas. Esta é a aliança que fazem com Deus; esta é a aliança que fazem uma com a outra; esta é a aliança que fazem com outros membros da Família Vicentina. É, sobretudo, a aliança que fazem com as pessoas que vivem na pobreza.

Como o Evangelho diz, não existe outro mandamento maior do que este. Se olharmos mais de perto este mandamento que vem do Senhor Jesus, vemos que ele está fundamentado sobre a vida de relação. Eu gostaria de ir ainda mais longe e dizer que esta vida de relação envolve uma parceria com Deus, umas com as outras na comunidade, com a Família Vicentina e com os pobres.

O contexto da primeira leitura tirada do Livro de Tobias é o de um casamento; e se olharmos o casamento de uma maneira simbólica como uma parceria, o que é destacado na Palavra de Deus aqui pode ser certamente aplicado de maneira concreta às Filhas da Caridade que são chamadas a viver o grande mandamento do amor. O livro de Tobias fala de um casamento arranjado. O autor diz que é um “casamento decretado pelo céu”.

Esta primeira leitura começa com uma acolhida “Cordiais saudações, irmãos! Sejam bem-vindos e tenham saúde!” Depois, uma refeição foi partilhada e os hóspedes tiveram uma recepção fraterna. Para viver o mandamento do amor a Deus e ao seu próximo, todas são chamadas a praticar a hospitalidade, acolhendo não somente a Deus, mas também os outros nos quais contemplam o rosto de Deus, partilhando com eles o seu amor.

No contexto deste 350º ano da morte de nossos fundadores, os membros da Família Vicentina concentram sua atenção na relação especial que existiu entre Vicente e Luisa, uma relação que eu a chamo de parceria, mas uma parceria que vai além de uma simples relação de trabalho. Vicente e Luisa foram dois companheiros que partilharam as graças que receberam de Deus, o amor que experimentavam em Deus e manifestavam através de seus esforços para servir os Pobres de seu tempo. Sem hesitação, podemos falar de uma relação saudável fundamentada no amor de Deus encarnado no amor que eles tinham um pelo outro e com os outros colaboradores que se juntaram a eles nesta grande missão de serviço aos pobres numa época muito difícil da história da França.

Continuando esta leitura, vemos que o que ajudou Tobias e sua esposa a superarem o fracasso (a morte dos ex maridos de sua esposa na tarde das núpcias), foi o seu reconhecimento da necessidade de colocar Deus em primeiro lugar na sua vida e na vida de sua esposa. Com efeito, ele diz à sua esposa, “*Levanta-te, Sara! Oremos e imploremos a nosso Senhor, para que nos conceda misericórdia e salvação*” (Tobias 8, 4). Vicente e Luisa deram esta mesma prioridade a Deus e por isso tiveram um imenso impacto na vida de tantas pessoas de sua época. Existe aqui um desafio para as Filhas da Caridade, o desafio de encarnar o maior mandamento do Senhor Jesus: amar a Deus com todo o seu ser e, o próximo, como a si mesmas, particularmente seus colaboradores, as Irmãs de sua comunidade, os membros da Família Vicentina e aqueles a quem servem.

Deus chama todos os seres humanos a uma colaboração que consiste na vivência do dom do amor com o qual Ele nos amou primeiro:

- uma colaboração que faça uma diferença entre a vida comunitária vivida de acordo com as Constituições e uma vida comunitária vivida na superficialidade;
- uma colaboração com a Família Vicentina que é mais do que fazer algo para agradar os líderes vicentinos que há anos encorajam um trabalho de verdadeira colaboração;
- uma colaboração que constrói a unidade e a solidariedade com os mais necessitados;
- uma colaboração com os pobres ajudando-os a se tornarem os protagonistas de sua própria vida.

Esta colaboração ou este compromisso começa e termina em Deus.

Peçamos a Deus, que se dá a nós nesta Eucaristia, que Ele fortaleça os laços que nos unem uns com os outros. Peçamos-lhe também, que a graça do Espírito Santo que iluminou Santa Luisa, nos ilumine também para que outros possam dizer de nós o mesmo que Jesus disse ao escriba: “Não estás longe do Reino de Deus”.

Padre Gregoroy GAY,
Superior geral